



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor de Tecnologia
Curso de Arquitetura e Urbanismo



CINEMA DE RUA EM REGIÃO CENTRAL DE CURITIBA

CAMILA MIWA KANESHIRO

GRR20081183

Trabalho de graduação apresentado como requisito à disciplina de Metodologia de Pesquisa do Curso Superior de Arquitetura e Urbanismo da **Universidade Federal do Paraná**.

Orientadora: Silvana Weiherman

CURITIBA

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

CINEMA DE RUA EM REGIÃO CENTRAL DE CURITIBA

CAMILA MIWA KANESHIRO

GRR20081183

Trabalho de graduação apresentado como requisito à disciplina de Metodologia de Pesquisa do Curso Superior de Arquitetura e Urbanismo da **Universidade Federal do Paraná**.

Orientadora: Silvana Weiherman

CURITIBA

2013

FOLHA DE APROVAÇÃO

Orientador(a):

Examinador(a):

Examinador(a):

Monografia defendida e aprovada em:

Curitiba, _____ de _____ de 2013.

**“Quem não sentiu a perda de um cinema frequentado durante anos tem
memória nublada ou coração de pedra.”**

Carlos Drummond de Andrade

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, **Neusa Kondo** e **Edson Kaneshiro**, por todas as oportunidades e pelo apoio.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus **pais**, que são meu porto seguro e sempre demonstraram carinho e compreensão em momentos importantes da minha vida. Agradeço também à minha **família** por sempre estar ao meu lado.

Agradeço a todos os meus **amigos** que fizeram parte dessa etapa, compartilhando alegrias e angústias. Em especial, agradeço à **Franciane Motta** e **Veridiana Stoski**, por todas as tardes e noites de estudo compartilhadas e à **Fernanda Pamplona** pelo companheirismo e amizade.

Por fim, agradeço a todos os **professores** e **profissionais** envolvidos na minha formação, que me auxiliaram durante a elaboração dessa pesquisa.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

RESUMO

1.	INTRODUÇÃO.....	2
1.1	OBJETIVO GERAL.....	3
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	3
2.	PANORAMA HISTÓRICO.....	4
2.1	HISTÓRIA DO CINEMA MUNDIAL.....	4
2.1.1	SURGIMENTO.....	4
2.1.2	CINEMA MUDO.....	5
2.1.3	CINEMA MODERNO.....	6
2.1.4	CINEMA E TECNOLOGIA.....	7
2.2	CINEMA NO BRASIL.....	8
2.3	CINEMA EM CURITIBA.....	10
3	EVOLUÇÃO DA TIPOLOGIA.....	12
3.1	SALAS DE EXIBIÇÃO	12
3.2	EDIFÍCIOS DE CINEMA NO BRASIL.....	15
4	ANÁLISE DE CORRELATOS.....	18
4.1	BUSAN CINEMA CENTER.....	19
4.2	ETOILE LILAS CINEMA.....	30
4.3	ITAÚ ESPAÇO DE CINEMA – RUA AUGUSTA.....	37
5	CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO	43
5.1	SALAS DE EXIBIÇÃO EM CURITIBA.....	43
5.2	ASPÉCTOS TÉCNICOS PARA SALAS DE EXIBIÇÃO.....	44
5.2.1	DIMENSÕES DA TELA.....	45

5.2.2	LOCALIZAÇÃO DAS POLTRONAS.....	46
5.2.3	ILUMINAÇÃO.....	47
5.2.4	CABINE DE PROJEÇÃO.....	47
5.2.5	ACÚSTICA.....	49
5.3	INSERÇÃO URBANA.....	52
5.4	PROGRAMA.....	57
5.5	DIRETRIZES GERAIS DE PROJETO.....	59
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
7	BIBLIOGRAFIA.....	61
8	WEBGRAFIA.....	62

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Interior de Movie Palace em Chicago, 1926.....	13
Figura 2 - Projeto da nova sede do Cine Luz.	15
Figura 3 - Inserção Urbana Busan Cinema Center.....	19
Figura 4- Acesso ao BIFF Hill.....	21
Figura 5 - Acesso ao Double Cone.....	21
Figura 6 - Coberturas.....	22
Figura 7 - Painéis de LED.....	22
Figura 8 - Planta Térreo.....	23
Figura 9 - Planta Primeiro Pavimento.....	24
Figura 10 - Planta Segundo Pavimento.....	25
Figura 11 - Planta Terceiro Pavimento.	26
Figura 12 - Planta Quarto Pavimento.	27
Figura 13 - Corte.....	28
Figura 14 - Inserção Urbana Etoile Lilas Cinema	29
Figura 15 - Vista Frontal.	31
Figura 16 - Espaço de Terraço.....	31
Figura 17 - Entorno do Etoile Lilas Cinema.....	31
Figura 18 - Planta Pavimento térreo.....	33
Figura 19 - Planta Primeiro Pavimento.....	33
Figura 20 - Planta Segundo Pavimento.....	34
Figura 21 - Planta Terceiro Pavimento.....	34
Figura 22 - Corte Longitudinal.....	35
Figura 23 - Entorno Itaú Espaço de Cinema.	36
Figura 24 - Fachada Itaú Espaço de Cinema.....	38
Figura 25 - Área de entrada e bilheteria.	39

Figura 26 - <i>Bombonière</i> à frente da bilheteria.....	39
Figura 27 - Fluxograma.....	40
Figura 28- Distribuição dos principais cinemas comerciais em Curitiba.....	43
Figura 29 - Esquema de implantação das poltronas.....	44
Figura 30 - Esquema de visibilidade.....	45
Figura 31 - Esquema de Localização da Cabine.....	47
Figura 32- Curvas acústicas NC.....	48
Figura 33 - Tempo de reverberação 500Hz x Volume da sala.....	49
Figura 34 - Variação do tempo de reverberação de faixas de oitavas.....	50
Figura 35 - Situação do terreno.	51
Figura 36 - Praça General Osório.....	52
Figura 37 - Vista do lote.....	53
Figura 38 - Vista frontal do lote.....	53
Figura 39 - Parâmetros Construtivos ZC.....	54

LISTA DE SIGLAS

BCC – Busan Cinema Center

BIFF – Busan International Film Festival

IPPUC – Instituto de Planejamento e Pesquisa Urbano de Curitiba

ZC – Zona Central

RESUMO

Através desse trabalho, buscou-se traçar um panorama histórico da arte do cinema, compreendendo as transformações sofridas ao longo do tempo e suas implicações físicas nos espaços de exibição, além do desenvolvimento de estudos de caso para auxiliar no entendimento espacial dos edifícios de cinema produzidos atualmente. Visando resgatar a memória dos cinemas de rua e incentivar a utilização do espaço público do centro da cidade pelos habitantes, o objetivo final dessa pesquisa consiste em oferecer um edifício de cinema para reestabelecer a relação dessa edificação com a cidade e seus moradores.

Palavras chave: Cinema, Cinema de rua, Arquitetura.

1. INTRODUÇÃO

O surgimento da produção cinematográfica no início do século XX trouxe muitas implicações nos costumes e códigos de comportamento da sociedade. A projeção de películas, inicialmente realizada em Paris, obteve sucesso e ganhou rapidamente adeptos e espectadores em vários continentes. Na tentativa da classe média brasileira de equiparar-se aos padrões de consumo culturais e artísticos das grandes metrópoles europeias, as edificações de cinema se propagaram rapidamente pelos maiores centros urbanos nacionais.

As chamadas “cinelândias”, antigas concentrações de edifícios de cinema, geralmente de localização privilegiada no centro dos municípios, próximo a praças e comércios, estão vinculadas à história de muitas cidades. Essas áreas de boa frequência e encontro social tornaram prósperas as atividades dos cinemas, que além de películas, abrigavam exhibições de peças de teatro e dança.

A decadência das áreas centrais das cidades brasileiras levou a um processo de abandono dos espaços públicos, aumentando a criminalidade nas ruas e contribuindo para o esvaziamento das salas de cinema que ainda resistiam à migração para os *Shopping Centers*. Os grandes centros comerciais, de acesso controlado, e dispendo de recursos como estacionamentos e praças de alimentação, facilmente absorveram o público dos cinemas comerciais.

A redução representativa de espectadores e as ofertas do mercado imobiliário, que apresentavam interesse em adquirir os grandes lotes bem inseridos na malha urbana, contribuíram para que a maioria dos cinemas de rua a encerrassem suas atividades. O gradual desaparecimento dessa tipologia de edifício enfraqueceu parte da memória urbana e a utilização da rua como espaço de convívio.

Considerando o contexto apresentado, tem-se o objetivo de elaborar uma proposta de um edifício de cinema de rua nas imediações da antiga Cinelândia Curitibana, visando o resgate da tipologia arquitetônica e sua relação com a cidade.

O trabalho foi desenvolvido a partir da pesquisa, coleta e seleção de dados e informações considerados relevantes para o desenvolvimento do tema, além de visitas a locais específicos e consulta a profissionais que possuem experiência na área de produção e pesquisa cinematográfica.

1.1 OBJETIVO GERAL:

Desenvolver uma pesquisa sobre a história do cinema, as mudanças na tipologia dos edifícios e suas implicações na arquitetura produzida atualmente e estudar projetos de cinema integrados ao espaço público da rua e suas contribuições para a paisagem urbana.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Desenvolver um estudo sobre a evolução histórica do mercado cinematográfico e sobre a tipologia de edificações de cinema ao longo do tempo, auxiliando na compreensão do cenário atual de intervenção.

Estudar readequações e projetos de edifícios de exibição de películas de arquitetura contemporânea ou em atividade, que possam contribuir para o entendimento das necessidades de funcionamento e dimensionamento dos espaços.

Estabelecer diretrizes gerais de projeto e um programa base para a etapa projetual seguinte.

Elaborar uma pesquisa a partir de um conjunto de informações sobre a arquitetura de cinemas para embasar o projeto de um Cinema de Rua na Região Central de Curitiba.

CAPÍTULO

02

2. PANORAMA HISTÓRICO

Para a elaboração de um projeto que contemple a função de cinema, faz-se essencial a compreensão do desenvolvimento da arte cinematográfica ao longo da história. A análise das necessidades e inovações incorporadas no decorrer do último século abrange o entendimento da importância do cinema na construção de valores culturais e dos agentes econômicos e sociais que influenciaram na dinâmica desse mercado.

2.1 HISTÓRIA DO CINEMA MUNDIAL

O fascínio exercido pela arte cinematográfica sobre o público está diretamente ligado à sua capacidade de criar uma ilusão real o suficiente para entreter o espectador durante o tempo de exibição. A visão captada pelos aparelhos não reproduz a visão humana, as cores exibidas não são naturais, porém o cinema é uma das artes que melhor consegue conferir realidade às fantasias humanas.

As manifestações culturais ou os registros de qualquer natureza, por necessitarem de um fator humano para serem concretizados, possuem sempre um ponto de vista ou um discurso embutido em sua “naturalidade”. BERNADET (2006, p.15) afirma que “no bojo de uma euforia dominadora, a burguesia desenvolve mil e uma máquinas técnicas que não só facilitarão seu processo de dominação, a acumulação de capital como criarão um universo cultural à sua imagem”. A arte criada pela burguesia é o cinema.

2.1.1 Surgimento

O surgimento da “Sétima Arte” está ligado diretamente a outros tipos de manifestação cultural, como as apresentações de lanterna-mágica, o teatro popular, os cartuns, os cartões-postais e a fotografia. Historicamente, sempre houve o interesse de transmitir a dimensão do tempo nas representações artísticas humanas, assim:

“O homem sempre procurou representar o movimento e através dele o mundo e a vida. Estas formas de representação são encontradas desde a pré-história nas pinturas das cavernas, nos murais gregos, nos relevos egípcios e romanos, nas miniaturas medievais e nas inúmeras formas de representação do movimento encontradas pelo homem.” (STECZ, 1988, p.22).

Não é possível indicar um inventor do cinema, segundo COSTA (2006, p.18), “uma conjunção de circunstâncias técnicas aconteceu quando, no final do século XIX, vários inventores passaram a mostrar os resultados de suas pesquisas na busca da projeção de imagens em movimento.”.

Uma das invenções intimamente ligada à história do cinema é o quinetoscópio de Thomas Edison. Patenteado em 1895, o aparelho trabalhava com a sucessão de imagens criando o efeito de movimento, porém no final do mesmo ano, antes de ser aperfeiçoado para um projetor mais eficiente, os irmãos Lumière realizaram umas das primeiras exibições pagas de filmes no Grand Café de Paris. A máquina dos Lumière obteve grande sucesso devido às suas vantagens práticas e técnicas. Leve e independente de energia elétrica, o equipamento podia ser transportado com maior facilidade e funcionava como câmera ou projetor.

Os primeiros filmes produzidos consistiam basicamente em gravações simples, dividindo-se em não ficcionais, como documentários, imagens da vida cotidiana e paisagens, ou encenações de eventos reais, como guerras e catástrofes naturais. Além disso, existiam também as animações de manobras acrobáticas, truques de mágica e pequenas narrativas fragmentadas. (MASCARELLO, 2006)

2.1.1 Cinema Mudo

Durante as primeiras décadas, os filmes não possuíam nenhum tipo de trilha sonora ou diálogos em sua gravação, mas frequentemente poderiam ser acompanhados de legendas, para a melhor compreensão do espectador, e de música tocadas por orquestras ou grupos musicais. Os efeitos sonoros variavam de acordo com o local de apresentação e com a interpretação dos músicos presentes.

Apesar da ausência de som, já eram realizados experimentos em relação a esse potencial ainda não explorado. A projeção cinematográfica criada pelos Lumière já permitia o ajuste sincronizado entre som e imagem, porém o alto custo de

investimento exigido para a inserção dessa tecnologia nas películas desestimulou sua popularização imediata. (STRECKER, 2007)

Nessa fase, a linguagem corporal e as expressões faciais dos atores eram extremamente importantes, pois delas dependia toda a transmissão de emoções dos filmes. Destacam-se nesse período as produções de Charles Chaplin, Buster Keaton, Harold Lloyd e Os Três Patetas.

2.1.2 Cinema Moderno

Em meados do século XX, após o período da II Guerra Mundial, parte dos grandes estúdios americanos e europeus de cinema passava por um período de crise, possibilitando o surgimento de novas produções economicamente mais viáveis. O cinema moderno é constituído por diversos movimentos, entre os principais a *Nouvelle Vague*, o Neorealismo Italiano e o Cinema Novo Alemão e Brasileiro. MANEVY (2006) afirma que uma das principais heranças desse período histórico do cinema foi propagar uma nova consciência crítica, consolidando o *status* de cinema como arte.

A *Nouvelle Vague* francesa, profundamente ligada ao cinema americano, é caracterizada por produções de baixo custo que objetivavam a inovação através de uma forte aversão às regras sociais e instituições. O diferencial do movimento foi o interesse pela memória do cinema, pois pela primeira vez o processo criativo das películas saiu dos estúdios e ocorreu dentro de um espaço de museu, a Cinemateca de Paris. (MANEVY, 2006)

De mesmo caráter de vanguarda, o Cinema Novo Alemão buscava um desligamento do que estava sendo produzido até então no país. Para CÂNEPA (2007), o movimento foi uma resposta à saturação do mercado cinematográfico nacional de entretenimento fútil, fruto da repressão cultural durante o regime nazista. As principais produções visavam enredos mais autênticos, filmando personagens “reais” em locações originais.

A produção de filmes mais baratos e atrelados à realidade, somada às tendências de ruptura com o mercado cinematográfico tradicional, marca esse momento da história do cinema. As condições mundiais no período pós-guerra deram condições para que esse conjunto de ideias se desenvolvesse em muitos

países e permitindo, inclusive, o reconhecimento internacional de produções independentes.

2.1.3 Cinema e Tecnologia

O advento de novas tecnologias, principalmente o armazenamento digital de informações, vem substituindo as antigas formas de produção e edição no cinema. Atualmente, a desmaterialização dos objetos clássicos presentes nas antigas salas de projeção é possível a partir da evolução da memória e capacidade de processamento dos instrumentos digitais. Essa metamorfose, para FELINTO (2006, p.414), “representa tanto um momento de nostalgia pelo término de algo como de oportunidade e abertura ao novo”, pois a incorporação dessas inovações tecnológicas facilitou, simultaneamente, a produção do cinema industrial em grande escala e o desenvolvimento de projetos experimentais paralelos e independentes.

A melhora na qualidade de som e imagem trouxe benefícios concretos para a indústria cinematográfica, tornando possível, tanto a criação de experiências inovadoras, como o tratamento de filmes antigos, preservando a memória sem perder a autenticidade de suas produções. Existe, porém, muita resistência à mudança do projetor de películas para o cinema digital, pois o custo para transformar uma sala de cinema em digital é elevado e a qualidade de imagem ainda é levemente inferior ao método clássico de exibição. (FELINTO, 2006)

2.2 O CINEMA NO BRASIL

O cinema chega ao Brasil rapidamente, porém por ser ainda um país de herança escravocrata e pouco industrializado, desenvolve-se de maneira lenta. Segundo STECZ (1988), a primeira projeção ocorreu no Rio de Janeiro, no dia 8 de julho de 1896, e ao longo de décadas as exibições eram essencialmente de produções europeias.

Ainda no final do século XIX, ocorreram as primeiras filmagens brasileiras, registrando trechos de cidades e paisagens naturais, carregadas de patriotismo e orgulho nacional. Apesar de existir uma produção artesanal em diversos estados, a evolução mais concreta ocorre no Rio de Janeiro e em São Paulo. A precariedade da rede elétrica e demais serviços básicos contribuiu para retardar o desenvolvimento do cinema no Brasil. (STECZ, 1988)

Já nas primeiras décadas após a introdução do mercado cinematográfico no cenário nacional, BERNADET (1979) ressalta a caracterização de um dos principais desafios do cinema brasileiro até os dias de hoje: a competição com as produções estrangeiras. Os resquícios sociais do Brasil colônia facilitaram a absorção dos filmes importados, pois em um primeiro momento, as classes dominantes buscavam se igualar aos padrões de cultura e consumo das grandes metrópoles europeias. Enfrentando dificuldades para se igualar ao mercado internacional, que produzia ficções em grande quantidade, os documentários foram, no início do século, a mais regular fonte de renda dos produtores brasileiros.

Em meados do século passado, com a criação do estúdio Vera Cruz, foi retomada a abordagem de temas nacionais, incluindo grandes títulos da literatura brasileira. Para BERNADET (1979), a filmagem de tais títulos objetivava a considerável melhoria na qualidade das obras produzidas e a identificação do público com elementos caracteristicamente brasileiros, impossíveis de serem reproduzidos pelo mercado estrangeiro.

Foi durante a década de 60, e estendendo-se no período do regime militar, que a crítica cinematográfica nacional foi surpreendida positivamente pelas produções do chamado Cinema Novo. Esse novo movimento se caracterizou pela intenção de fazer um cinema que abrangesse a sociedade brasileira como um todo, expondo críticas sociais e políticas em suas películas.

Em paralelo ao Cinema Novo, surge um novo gênero que se tornou rapidamente popular entre os espectadores, a pornochanchada. Unindo elementos do humor a uma alta dose de erotismo, foi rapidamente considerada vulgar pelo Estado, que por outro lado sofria pressão das críticas do aclamado Cinema Novo. O Governo Militar gradativamente retirou os investimentos de ambas as produções e aumentou a censura a todos os tipos de manifestação política, reduzindo muito o número de longas-metragens nacionais nos anos seguintes. (BERNADET, 1979)

Após décadas de estagnação, nos anos 90 o cinema brasileiro se reergue a partir da criação de incentivos fiscais e novos patrocinadores e instâncias de apoio ao mercado nacional. O reconhecimento internacional de filmes como “Central do Brasil” (1998) e “O Que É Isso, Companheiro?” (1997), indicados ao Oscar de melhor filme estrangeiro, é resultado dessa nova fase de retomada do cinema no Brasil. (NAGIB, 2002)

2.3 O CINEMA EM CURITIBA

No início do século XX, Curitiba possuía cerca de 50 mil habitantes e um sistema precário de abastecimento de água e esgoto, porém em menos de dois anos o cinematógrafo europeu já havia chegado à capital paranaense. As primeiras exhibições de filmes em Curitiba ocorreram no Theatro Hauer, principal casa de espetáculos da cidade. Nos anos seguintes, as sessões de cinema ocorreram apenas em salas improvisadas, geralmente em estabelecimentos comerciais adaptados, sem telas de projeção. Todavia, o sucesso foi tamanho, que no decorrer das décadas, a cidade ganhou um grande número de cinemas localizados próximos à Boca Maldita. A Cinelândia Curitibana teve seu auge entre os anos de 1950 a 1970. (CRISTO, 2010)

A cinemateca de Curitiba, criada em 1975 além de contribuir para a preservação da memória cinematográfica municipal, impulsionou a produção de filmes na cidade, marcada desde o início pelo grande volume de documentários. Ainda assim, foi apenas na década de 90, com a efetivação da Lei Municipal de Incentivo à Cultura e a Lei de Incentivo ao Audiovisual que, segundo ALVETTI (2005), houve a disponibilização de recursos para dar continuidade aos projetos apresentados.

O declínio dos cinemas de rua de Curitiba iniciou-se no final dos anos 70. Os generosos lotes urbanos em que estavam instalados foram adquiridos por grandes redes de lojas e bancos, após uma tendência de depreciação das regiões centrais de grandes cidades e da popularização dos gêneros dos filmes exibidos por esses cinemas. Outro fator que repercutiu mundialmente no público das salas de exibição foi a presença do aparelho de televisão nas residências, para CRISTO (2010, p.111) “a televisão, de uma forma ou de outra, passou a ocupar um espaço que antes era exclusivo dos cinemas”, tornando o público cada vez mais escasso e levando muitos cinemas a encerrarem suas atividades.

CAPÍTULO

03

3. EVOLUÇÃO DA TIPOLOGIA

Para ARGAN (1976), o tipo surge a partir de um conjunto de construções que tenham entre si uma evidente analogia formal e funcional, consistindo em um produto do processo histórico da arquitetura e dos modos de projetar e trabalhar de determinados arquitetos. Não é possível estabelecer um tipo arquitetonicamente ideal para todos os casos semelhantes, porém a identidade da arquitetura reside na interpretação da realidade do entorno e das condicionantes do terreno.

A análise da tipologia arquitetônica presente nos edifícios de cinema possibilita a compreensão dos elementos históricos presentes na leitura formal dos espaços de exibição.

3.1 SALAS DE EXIBIÇÃO

O Grand Café, local da apresentação dos irmãos Lumière, foi de grande influência nos primeiros espaços de exibição de filmes. Os cafés abrigavam uma grande variedade de atividades, entre elas apresentações de artistas e músicos. A versão norte-americana dos cafés eram os vaudevilles, locais de entretenimento de grande parcela da classe média. Nesses estabelecimentos ocorriam curtas performances semelhantes às dos cafés, mas também acrobacias, animais adestrados e encenações dramáticas, sem necessariamente nenhuma conexão entre si. (MASCARELLO, 2006)

Outro espaço apropriado para esse novo espetáculo foram as feiras ambulantes. STECZ (1988) afirma que as exibições dos filmes aconteciam ao lado de apresentações circenses como mulheres barbadas, domadores de feras e museus de cera, em uma barraca que poderia comportar centenas de espectadores em pé ou sentados. Ao invés de uma orquestra, um fonógrafo reproduzia os efeitos sonoros e poderia haver um apresentador comentando o filme.

A falta de segurança dessas feiras, principalmente após alguns incêndios, levou à necessidade de salas exibidoras fixas. Na Inglaterra, os “music-halls” foram rapidamente adaptados e transformados em espaços para cinemas. Essa transformação ocorreu também nos Estados Unidos, onde segundo STECZ (1988), em 1905 havia apenas 10 salas, e em 1910 já contava com 10.000.

Para MENOTTI (2007), os *nickelodeons*, primeiras salas fixas de exibição de filmes, instalaram-se em distritos comerciais, frequentemente em armazéns e magazines adaptados. Devido a esse caráter espacial e localização, atraíram grande parcela do proletariado dos cinturões industriais. Porém, para que o cinema expandisse seu público-alvo e atingisse a classe média e a burguesia, a precariedade das condições desses ambientes e as normas de comportamento social deveriam sofrer mudanças.

O comportamento dos espectadores, herdado dos antigos cafés e *vaudevilles*, abrangia interação direta do público com o enredo das películas, além do consumo bebidas alcoólicas e comportamento leviano durante as exibições. Essa reorganização espacial e social possuía um objetivo claro, segundo Menotti (2007, p.5), “uma nova disposição cognitiva é criada na sala de projeção. Se antes o público dividia as atenções entre a tela e seu vizinho, agora precisava focar-se no filme, para compreender o que se passava”.



Figura 1 - Interior de Movie Palace em Chicago, 1926.

FONTE: Cinematreasures.org

A partir desse conjunto de interesses da indústria cinematográfica, surgem os *movie palaces*, espaços de arquitetura extravagante, inspirados na tipologia de hotéis e óperas do início do século. Comparecer a esses locais se tornou mais que um entretenimento, um evento social. O *Art Déco*, estilo decorativo popularmente utilizado nos edifícios de cinema, protagonizou esse período de modernização e efervescência cultural. (MUNARIM, 2012).

As primeiras exhibições de filmes no Brasil, no final do século XIX, eram realizadas em adaptações dos espaços de salões, feiras e teatros. Em 1897, a primeira sala de projeção de cinema, batizada de Paris no Rio, foi inaugurada por dois imigrantes italianos. O Salão das Grandes Novidades, ou posteriormente batizado de Salão Paris deu início aos espaços de exibição nacionais de cinema. (STECZ, 1988)

O advento da televisão, em meados do século XX, teve impacto direto na estrutura de alguns elementos dentro das salas de exibição. O cinema passou a ser vendido como a experiência ideal dos filmes, ampliando a proporção (tecnologia *widescreen*) e o tamanho da tela de projeção, além da melhor qualidade do som. (MENOTTI, 2007)

3.2 EDIFÍCIOS DE CINEMA NO BRASIL

A rápida popularização da exibição de filmes levou à urgente necessidade de conceber edificações dedicadas a esse uso. De acordo com STECZ (1988), a primeira metade do século XX foi marcada pela rápida propagação de edifícios de cinema pelo mundo, em sua grande maioria seguindo o estilo decorativo Art Déco ou através de adaptações de prédios existentes.

O Art Déco consiste em um momento artístico e decorativo de transição entre o Ecletismo e o Modernismo. Simplificação e pureza das linhas e da mobília, a supressão de decorativismos considerados supérfluos e técnicas e materiais refinados são características básicas da corrente estilística. (CASTELNOU, 2002)

Historicamente, os cinemas apresentam características peculiares como a entrada imponente e divulgação das próximas exhibições. Segundo IMAGUIRE (2013), “externamente, o edifício se revela pela caixa da sala de projeção, sob a qual a entrada, saguão e espaços de serviço. Alastra-se pelas imediações com comércio, e define uma paisagem com cartazes e anúncios luminosos referentes aos filmes”. Essa tipologia persistiu nos projetos de cinema até a transferência desses espaços para os grandes centros comerciais.



Figura 2 - Projeto da nova sede do Cine Luz.
FONTE: IPPUC

O fenômeno de decadência dos cinemas de rua fez com que não ocorresse, a partir da metade do século passado, uma instalação de novos projetos em número significativo, mas apenas a manutenção das edificações existentes. Um dos motivos para as dificuldades de manter esse tipo de edifício está ligado ao abandono dos centros das grandes cidades, que segundo ROLNIK (2000) ganham dimensões de espaços essencialmente de circulação, perdendo sua essência de locais de lazer, encontro, venda e espetáculo.

Nas últimas décadas, após esse período de crise, algumas iniciativas de retomada dessa tipologia afluem pelo país. Projetos de restauro, reforma e reabertura de alguns cinemas estão sendo desenvolvidos, inclusive na cidade de Curitiba. Os projetos dos novos cinemas estão próximos à rua Riachuelo e tem por objetivo a recuperação e revitalização do área central. (RUPP, 2011)

CAPÍTULO

04

4. ANÁLISE DE CORRELATOS

A compreensão dos espaços de natureza semelhante à arquitetura que se deseja produzir contribui para o desenvolvimento de um partido consistente e coerente com as necessidades e relações entre os agentes produtores e os usuários do espaço. Com o objetivo de atingir um resultado projetual de melhor qualidade, foram realizados nesse capítulo alguns estudos de caso.

A análise dos correlatos será realizada a partir dos seguintes critérios:

- Aspectos funcionais (*utilitas*): será avaliado o programa do projeto, as relações espaciais e humanas e as funções de cada ambiente.
- Aspectos construtivos (*firmitas*): buscará analisar os materiais utilizados e os sistemas estruturais envolvidos no processo.
- Aspectos formais (*venustas*): terá como objetivo o levantamento das questões plásticas e estéticas resultantes da articulação dos outros critérios.

A metodologia de seleção dos projetos a serem estudados levou em consideração a similaridade da tipologia do edifício e a relação entre os exemplos e os objetivos do projeto a ser desenvolvido na próxima etapa, portanto os três casos correspondem a edificações que abrigam como atividade principal salas de cinema ou exibição.

O Busan Cinema Center foi selecionado pela sua importância internacional e pelo partido assumido pelo arquiteto responsável, envolvendo uma boa organização espacial entre os diferentes setores e seus usuários.

A seleção do Etoile Lilas Cinema foi realizada por ser um projeto integrante de um conjunto de medidas que visavam a renovação da área em que está inserido. O porte do edifício se aproxima à escala pretendida para a próxima etapa de projeto, auxiliando na estimativa da área dos ambientes.

O estudo de caso nacional, Itaú Espaço de Cinema da Rua Augusta, foi desenvolvido para absorver os aspectos funcionais de um cinema de rua em funcionamento. Sua arquitetura externa não é objeto de profunda análise, visto que se trata de uma adaptação.

4.1 Busan Cinema Center

O Busan Cinema Center está localizado na cidade sul-coreana de Busan. Grande centro comercial e industrial, a cidade que abriga o maior porto do país possui cerca de 3,7 milhões de habitantes, a segunda maior do país, atrás apenas de Seul. Sua localização na costa sudeste fez com que a cidade fosse frágil em relação a invasões de outros países como o Japão, que chegou a dominá-la por meio século. Esse contato constante com diferentes nações contribuiu para uma pluralidade cultural que atualmente se manifesta também no mercado cinematográfico.



- 1- Busan Cinema Center
- 2- Naru Park
- 3- Rio Suyeong

Figura 3 - Inserção Urbana Busan Cinema Center.
FONTE: Coop Himmelbl(a)u

O concurso para a nova sede do Busan International Film Festival (BIFF) foi realizado em 2005, sendo escolhido o projeto da corporativa austríaca Coop Himmelbl(a)u, fundada em Viena em 1968. O terreno selecionado pela prefeitura da cidade conta com uma localização privilegiada, às margens do Rio Suyeong e adjacente ao Naru Park. Completada em 2012, o mega complexo cultural é um dos poucos que combina elementos como salas de cinema, centro de mídia e auditório para performances artísticas variadas.

O projeto tem como objetivo não apenas funcionar como um espaço exclusivo de cinema, mas oferecer uma nova forma de sobreposição de espaços de uso público e de uso controlado. Essencialmente, o programa constitui-se de:

- Praça coberta;
- Estacionamento (507 vagas);
- Teatro Multifuncional (1000 lugares);
- Salão de conferências;
- Área administrativa;
- Café;
- Estúdios de Produção;
- Escritórios;
- Bar/Restaurante;
- Cinema ao ar livre (4000 lugares);
- Centro de mídia;
- 03 Salas de cinema (200/200/400 lugares)
- Apoio (camarins, sala de reuniões, I.S., foyers, depósitos e arquivos).

O centro de cinema consiste em três edifícios: o Cine Mountain, o BIFF Hill e o Double Cone. O primeiro abriga as salas de exibição e o grande auditório, o BIFF Hill concentra as atividades administrativas, salão de convenções, centro de mídia e estúdios de produção e o último os espaços de utilização independente do resto do complexo.

O grande auditório, o salão de conferências e o centro de mídia estão ligados diretamente à utilização desse edifício como sede do BIFF, evento que reúne novos talentos do mercado cinematográfico asiático e vem crescendo desde sua primeira edição em 1996. Essas áreas possuem o intuito de permitir que a sede do festival inclua, além das exibições e premiações, atividades educacionais interativas e fóruns de debate.

A área de café, bar e restaurante pode ser utilizada em horários alternativos ao funcionamento das salas de cinema, possuindo um acesso exclusivo pelo Double Cone. O café contribui para a integração do edifício com o espaço externo térreo, estendendo sua área de convivência para a grande praça coberta. O restaurante e o

bar atendem ao público em geral, mas servem também de apoio às variadas atividades que estão sendo exercidas no local.

Uma grande rampa é o acesso principal às três salas de cinema do último pavimento do Cine Mountain, além disso, ela interliga os diferentes núcleos do projeto garantindo a comunicação entre os setores do centro. O design desses diversos espaços foi idealizado de modo a permitir um uso flexível dos ambientes, oferecendo suporte em épocas de festival ou nas atividades regulares sem necessidade de grandes intervenções.



Figura 4- Acesso ao BIFF Hill
FONTE: Coop Himmelb(l)au



Figura 5 - Acesso ao Double Cone
FONTE: Coop Himmelb(l)au

Ampliações futuras do complexo têm diretrizes de inclusão de canais ligados ao rio Suyeong circundando o novo anexo, permitindo o acesso público ou privado via barcos. Acredita-se que essa integração seria coerente com a paisagem urbana ao redor do atual centro.

O elemento construtivo mais notável do Busan Cinema Center são as duas coberturas: uma está sobre o BIFF Hill e tem medidas 163m por 62m, a outra que abriga o cinema ao ar livre e a grande área pública mede cerca de 66m por 120m. A segunda consiste no maior dos telhados com ponto de apoio único do mundo sem colunas, com 85m livres sobre a grande praça de eventos. A imensa cobertura, que pesa aproximadamente quatro mil toneladas, está suspensa por uma viga em aço de apoio em balanço com o formato de dois cones conectados, o bloco de entrada principal, proporcionando a sensação de estar flutuando.



Figura 6 - Coberturas.
FONTE: Coop Himmelb(l)au



Figura 7 - Painéis de LED.
FONTE: Coop Himmelb(l)au

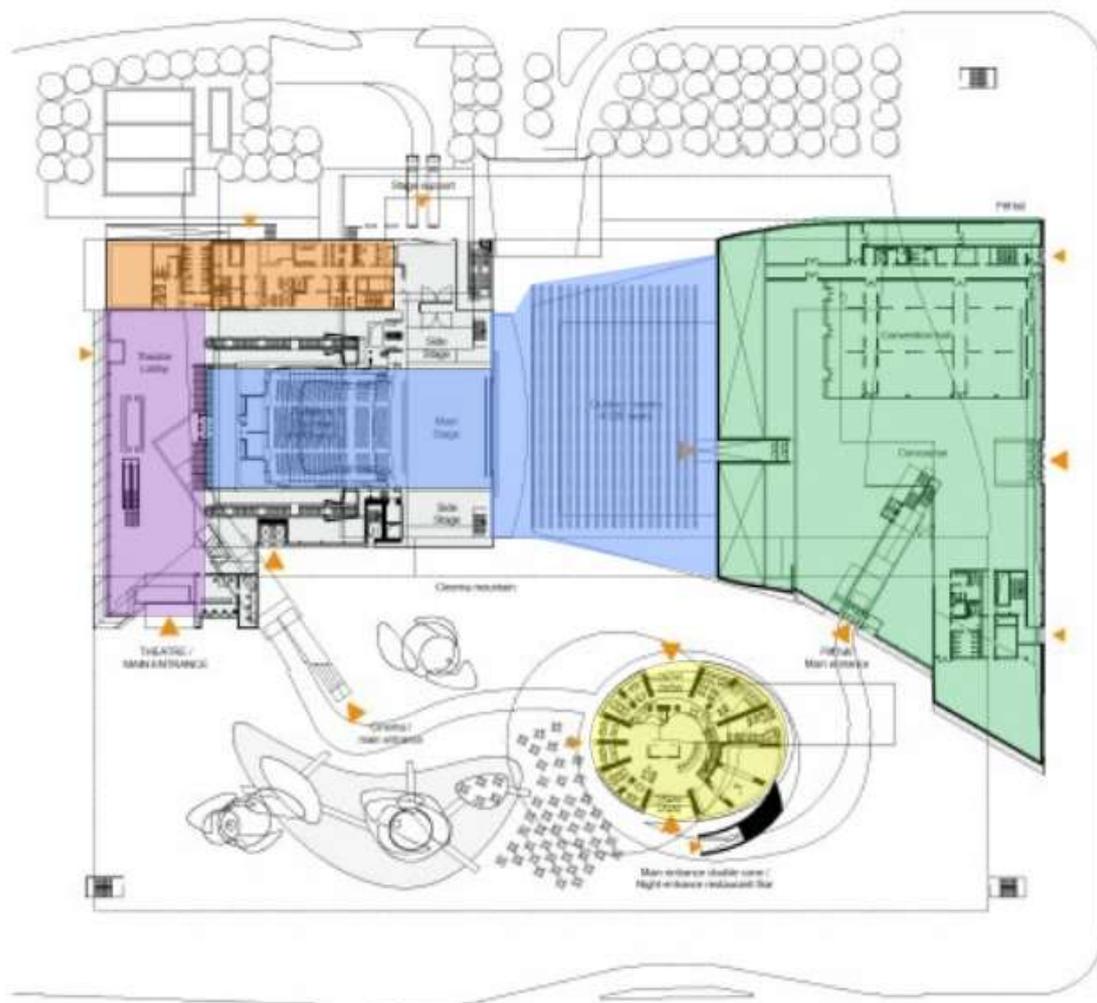
A área externa possui elementos construtivos inovadores, como os painéis de LED fixados ao longo de toda a cobertura. Esses painéis podem alternar as cores e o padrão de iluminação conforme o evento. Apesar de conter concreto aparente em algumas partes do prédio, o BCC foi todo construído em estrutura metálica visando aumentar os vãos e reduzir o peso total da cobertura da construção.

A qualidade do isolamento acústico dos espaços de exibição baseia-se na separação estrutural completa entre o teatro e os cinemas, inseridos no Cine Mountain, garantindo as condições ideais para ambas as áreas. A combinação dos materiais utilizados contribui para a concepção do teatro como um salão flexível, com linhas de visão ideais e acústica ajustável.

O terreno onde está inserido o projeto tem 32.137m², sendo a área construída de 54.335 m² a um custo de aproximadamente 100 milhões de dólares. O investimento é justificável, pois a intenção da edificação foi criar um marco urbano. Emoldurado pela margem do rio Suyeong e pela visão periférica proporcionada pelo afastamento considerável de outras construções, a grande cobertura revestida de painéis de LED tornou-se um referencial visual da cidade.

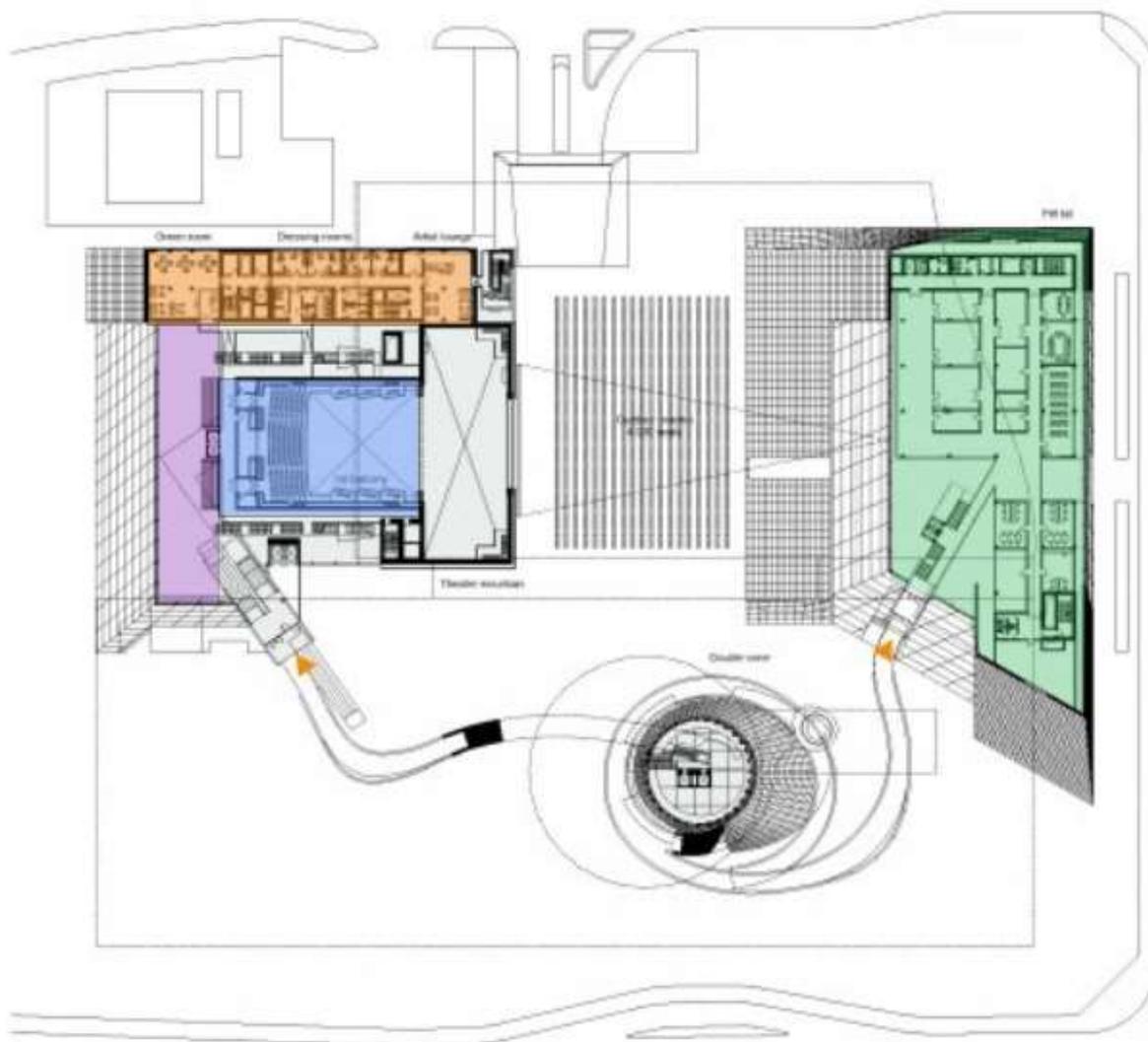
Esteticamente, os elementos estruturais de cobertura, somados às rampas de interligação, é o mais forte na apreensão espacial do projeto. Os dois elementos são responsáveis pela unidade visual do complexo, estruturado em três blocos separados. O arquiteto Wolf D. Prix refere-se ao conceito de Le Corbusier e Oscar Niemeyer de cobertura não como mera proteção, mas como moldura dos diversos conceitos empregados no projeto.

A imprevisibilidade dos espaços, derivada da articulação de formas não regulares, torna visível o conceito de promenade arquitetônica na parte externa do edifício. Essa irregularidade formal cria uma complexidade na leitura visual dos espaços internos a partir do exterior do prédio.



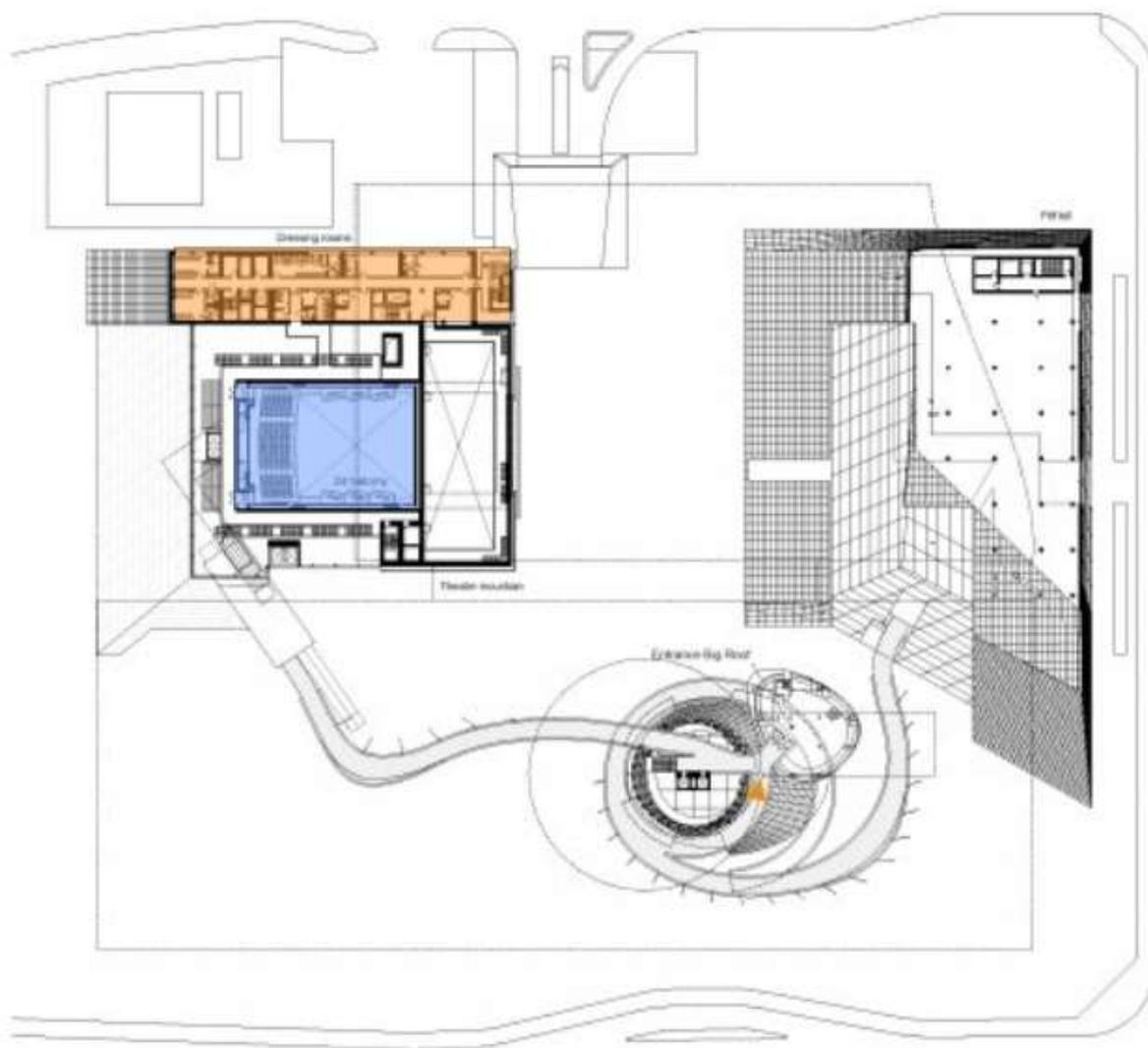
- | | | |
|---|--|--|
|  Salas de Cinema |  Foyer Bilheteria |  BIFF |
|  Administração |  Lojas Restaurantes | |

Figura 8 - Planta Térreo.
 FONTE: Coop Himmelb(l)au



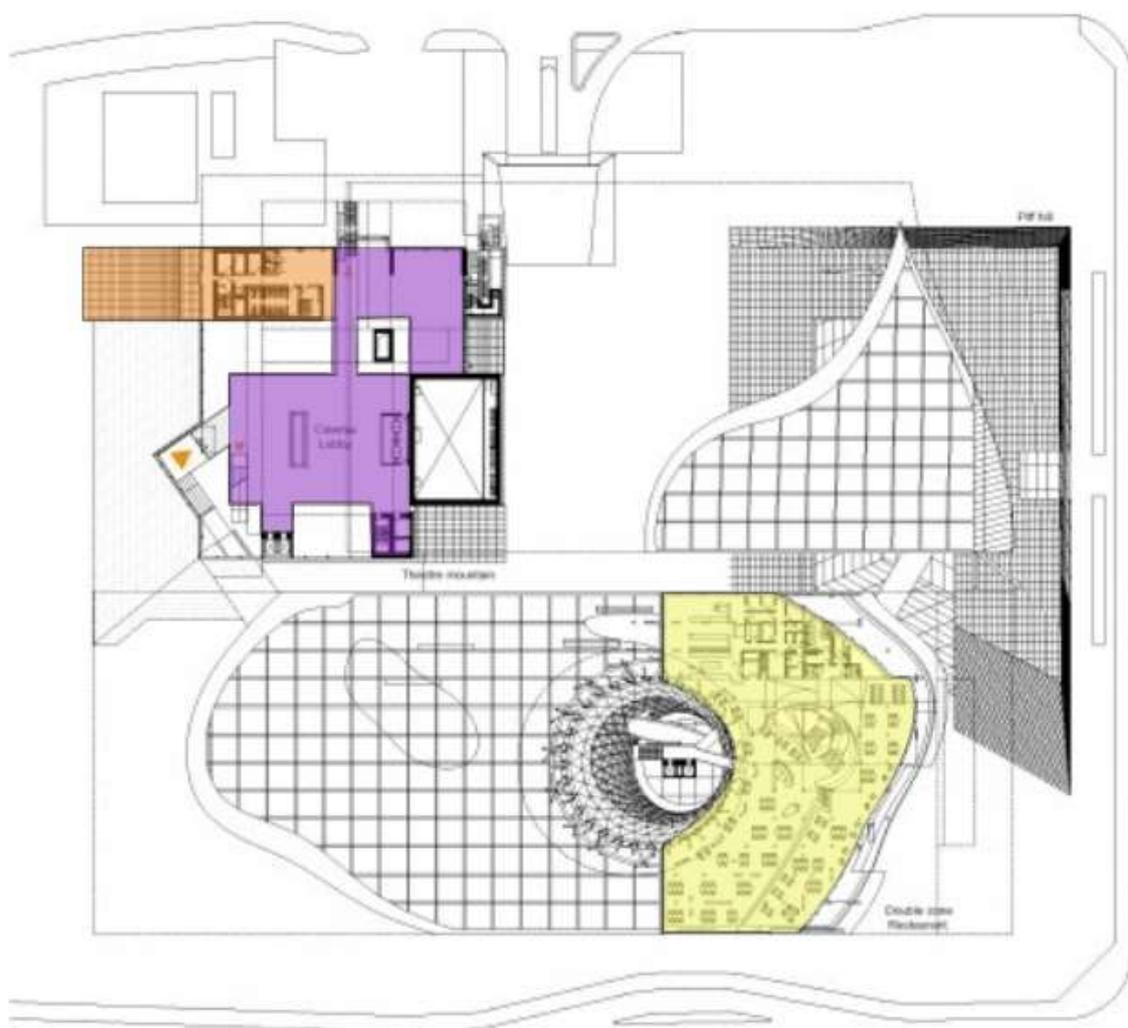
- | | |
|---|--|
| Salas de Cinema | Foyer Bilheteria |
| Administração Apoio | BIFF |

Figura 9 - Planta Primeiro Pavimento.
 FONTE: Coop Himmelb(l)au



- Salas de Cinema
- Administração | Apoio

Figura 10 - Planta Segundo Pavimento.
FONTE: Coop Himmelb(l)au

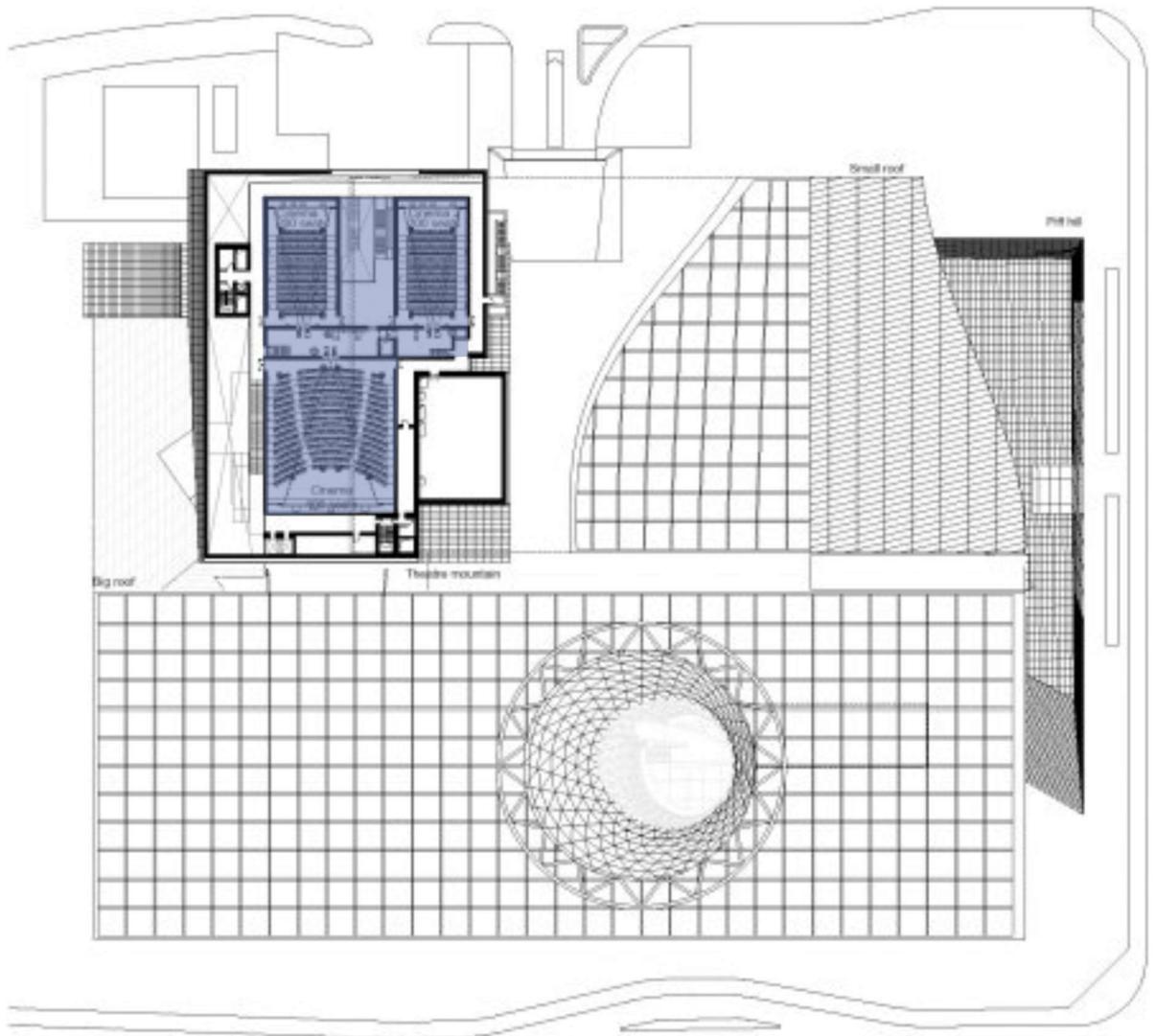


■ Foyer | Bilheteria

■ Administração | Apoio

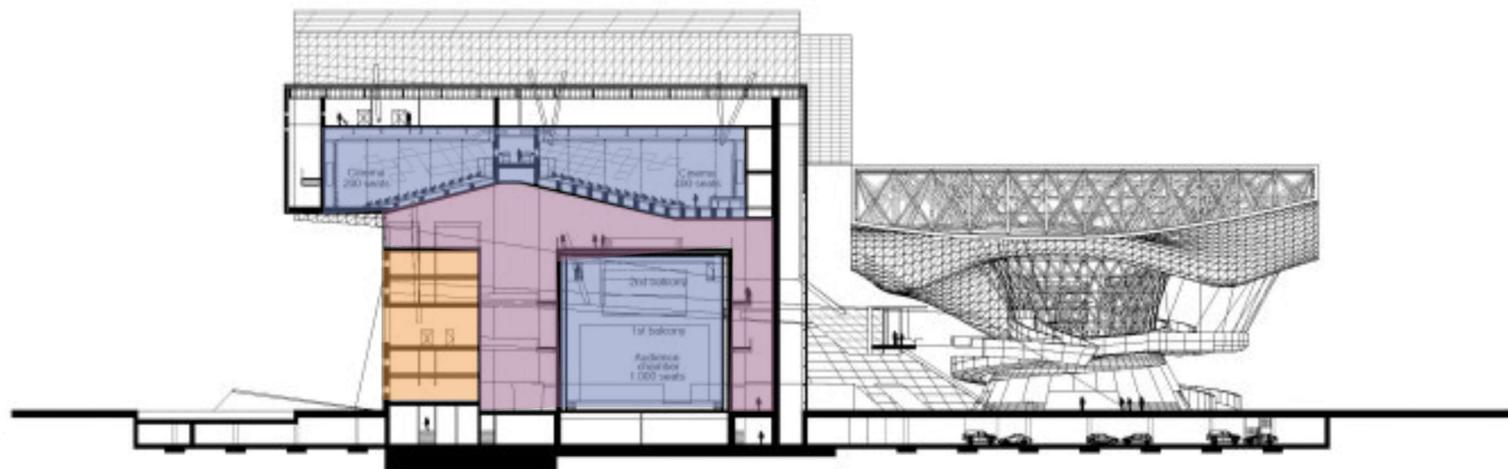
■ Lojas | Restaurantes

Figura 11 - Planta Terceiro Pavimento.
FONTE: Coop Himmelb(l)au



■ Salas de Cinema

Figura 12 - Planta Quarto Pavimento.
FONTE: Coop Himmelb(l)au



Salas de Cinema
Administração

Foyer | Bilheteria

Figura 13 - Corte.
FONTE: Coop Himmelb(l)au

4.2 Etoile Lilas Cinema

Situado em Paris, o Etoile Lilas Cinema localiza-se junto à Boulevard Périphérique, uma das mais movimentadas rodovias da Europa. O anel viário tornou-se popularmente o limite entre a cidade e a periferia de Paris, região desvalorizada pelo tumulto e barulho excessivo dos veículos que transitam nas pistas da grande autoestrada. A partir do início do século XXI, alguns trechos da rodovia próximos às entradas da cidade receberam projetos de coberturas para redução de ruídos, além de melhorias urbanas e novas áreas de lazer e cultura para o grande número de habitantes dos subúrbios. Um desses grandes acessos, a Porte de Lilas foi selecionada para abrigar o projeto do cinema Etoile, visando suprir a falta de teatros e espaços de exibição no entorno.



- 1- Etoile Lilas Cinema
- 2- Cirque Electrique
- 3- Boulevard Périphérique

Figura 14 - Inserção Urbana Etoile Lilas Cinema
FONTE: Elaborado pela Autora

Concebido pelo escritório de arquitetura Hardel & Le Bihan e símbolo da renovação do bairro, o projeto teve duas grandes questões levadas em consideração na elaboração do programa e do conceito: o desafio urbano de inserir edifícios culturais no contexto periférico de Paris e a articulação das diversas salas de cinema com os fluxos de visitantes das áreas térreas e relacionadas à praça.

Além do caráter de integração urbana, o projeto visa uma conexão coerente entre os espaços de exibição e os locais de uso aberto ao público. A ligação entre os locais de permanência e convívio público do térreo ocorre em função da praça Place Du Marquis Du Vercors e ao Cirque Electrique, ambos com projetos e intervenções concebidas no mesmo período de melhorias urbanas em que se inserem os edifícios de cinema.

O programa consiste, basicamente, em:

- Restaurantes
- Lojas
- Hall de entrada
- Bilheteria
- 07 Salas de cinema (1499 lugares)
- Terraço
- Estacionamento
- Área administrativa (apoio, reuniões, copa)
- I.S.

No pavimento térreo do lado direito, está localizada a área de lojas, projetada para receber dois restaurantes. À esquerda, o hall de entrada proporciona uma extensão da praça dentro do edifício, procurando manter o caráter público do espaço. O hall funciona como recepção, local de compra de ingressos e foyer para a espera dos usuários até o horário das sessões, ligado diretamente a ele estão as circulações que levam às salas de exibição o setor voltado à administração das atividades do edifício.



Figura 15 - Vista Frontal.
FONTE: Hardel & Le Bihan

As sete salas de exibição se distribuem da seguinte maneira: a primeira localiza-se enterrada sob o hall, empilhadas sobre ele estão três grandes salas e no pavimento superior ao espaço de lojas encontram-se mais três salas com menor capacidade de lotação. Os fluxos de entrada e saída de espectadores ocorrem separadamente, do saguão saem três escadas rolantes sobrepostas que levam às salas de cinema nos diferentes níveis do prédio, saindo das salas, escadarias externas protegidas levam os usuários diretamente à Avenida lateral Docteur Gley.



Figura 16 - Espaço de Terraço.
FONTE: Coop Himmelb(l)au



Figura 17 - Entorno do Etoile Lilas Cinema.
FONTE: Coop Himmelb(l)au

No terceiro pavimento, sobre o bloco que abriga o comércio, ocorre o terraço. Aberto na maior parte do ano, nas estações frias ele é coberto e aquecido, proporcionando uma visão panorâmica e desobstruída do bairro. Seus 700 m², acessados tanto pelo interior do edifício quanto por escadas externas, podem receber até 400 pessoas em coquetéis de lançamento ou projeções ao ar livre. Semelhante a uma praça seca, árvores e folhagens, plantadas em vasos em disposição labiríntica, compõem o paisagismo dessa área, conformando espaços menores a serem apropriados por grupos de usuários.

A volumetria do Etoile Lilas é composta por dois volumes, cinema e lojas. O primeiro mais alto, atingindo os limites de gabarito permitidos no local pela legislação, e o segundo mais baixo, ligado à praça e ao espaço de circo. Devido ao seu caráter de cinema urbano, fora dos grandes centros comerciais, o projeto buscou a relação de verticalização do prédio, estabelecendo uma relação com as construções do entorno.

As fachadas do edifício possuem uma uniformidade, em geral opacas com destaque de volumes translúcidos de circulação se desenvolvendo visualmente ao redor dos blocos. As aberturas enfatizam a comunicação edifício/cidade, estando localizadas também segundo o enquadramento da vista que se deseja capturar. A área comercial e o hall de entrada, mais abertos ao público também são marcados por grandes painéis de vidro, demarcando os acessos.

O cinema foi planejado a partir de um empilhamento das salas de cinema, envoltas por uma caixa estrutural em concreto preto. O vidro e as esquadrias metálicas finalizam a composição estrutural do volume.

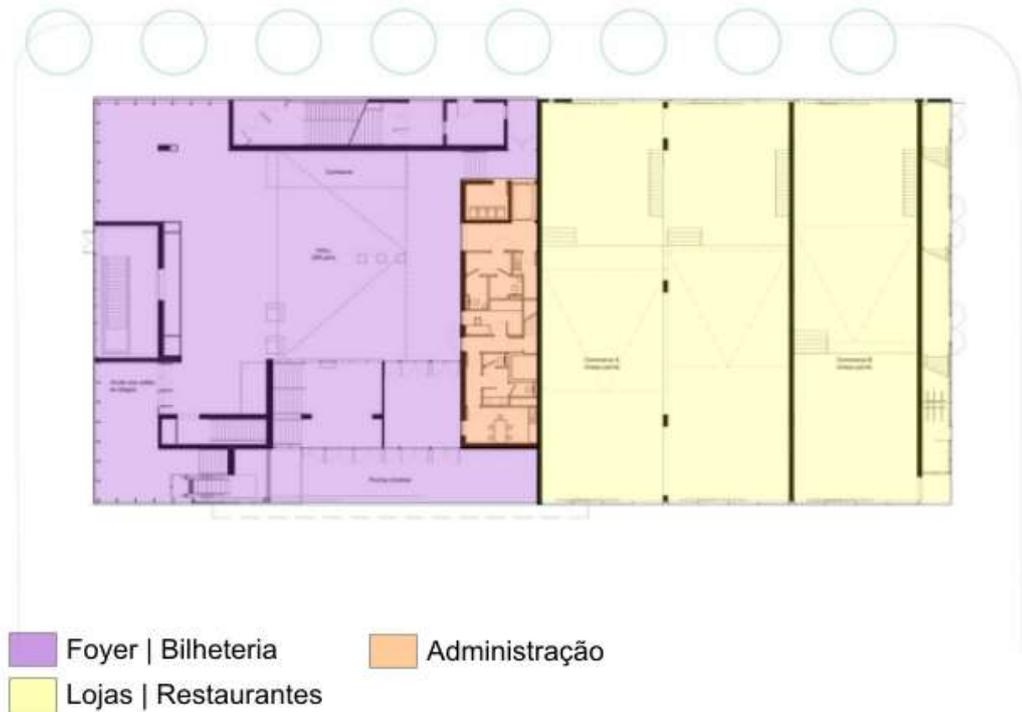


Figura 18 - Planta Pavimento térreo.
 FONTE: Hardel & Le Bihan

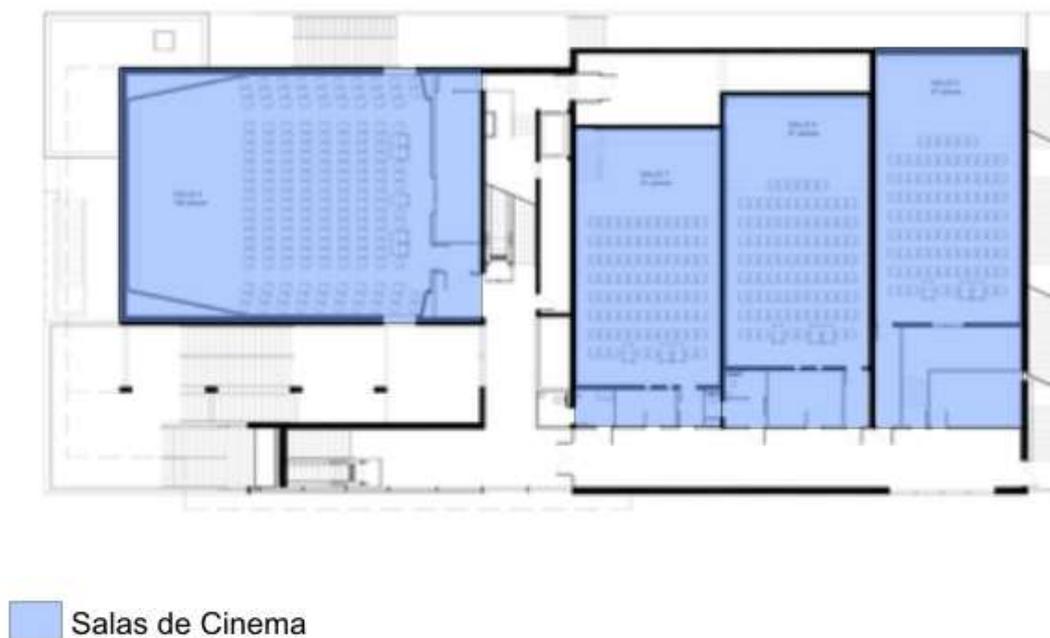
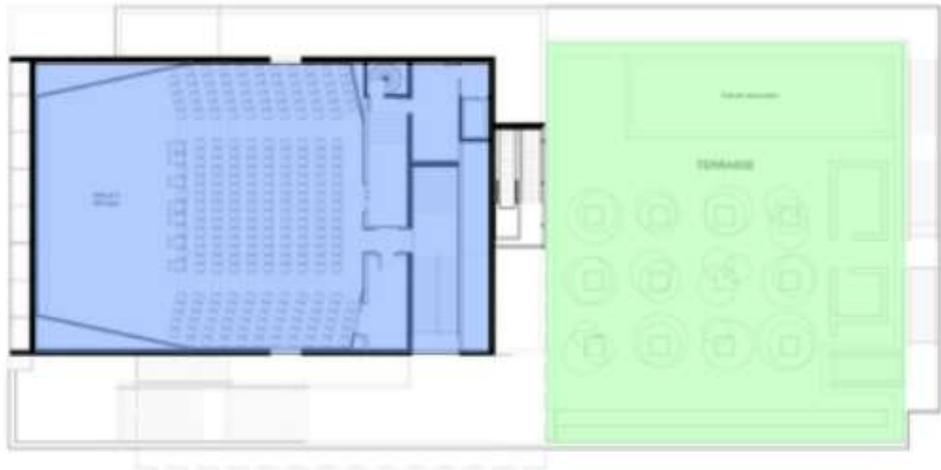
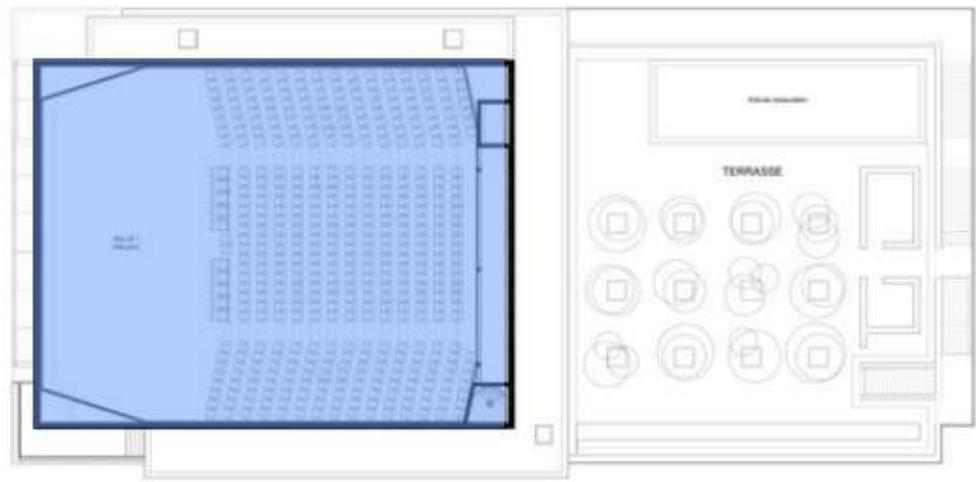


Figura 19 - Planta Primeiro Pavimento.
 FONTE: Hardel & Le Bihan



- Salas de Cinema
- Terraço

Figura 20 - Planta Segundo Pavimento.
FONTE: Hardel & Le Bihan



- Salas de Cinema

Figura 21 - Planta Terceiro Pavimento.
FONTE: Hardel & Le Bihan

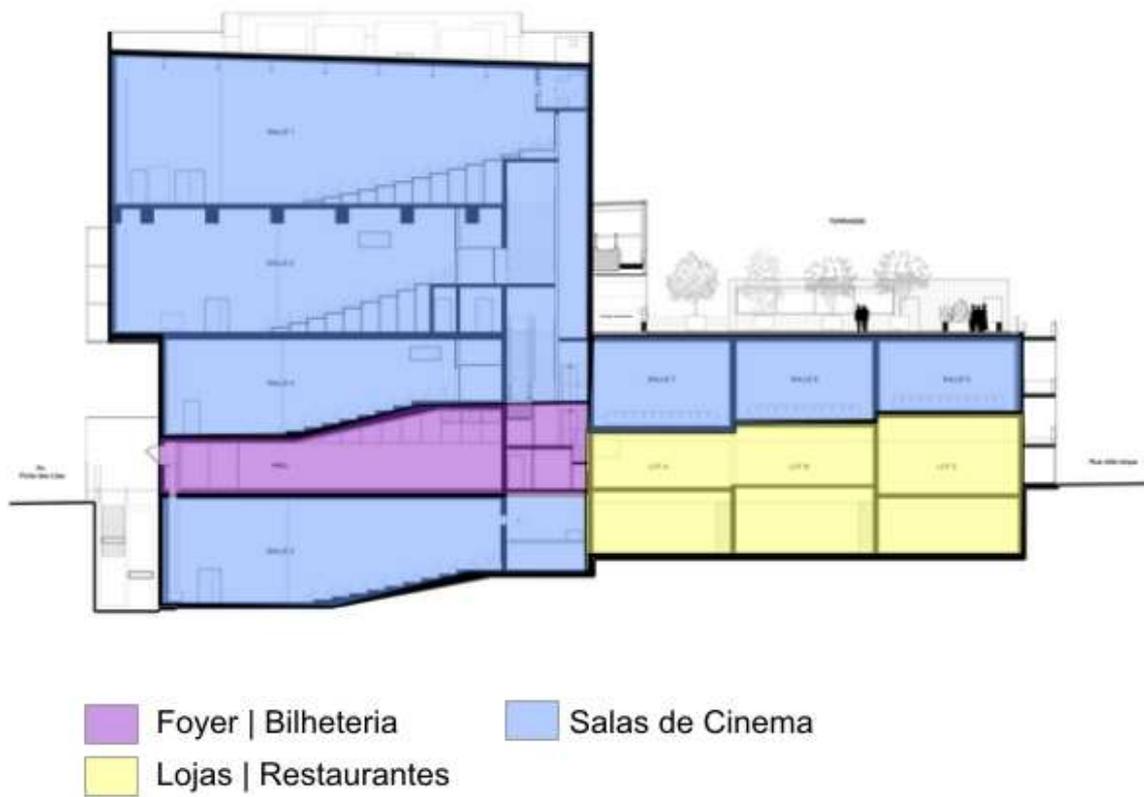


Figura 22 - Corte Longitudinal.
FONTE: Hardel & Le Bihan

4.3 Espaço Itaú de Cinema Rua Augusta

O Espaço Itaú de Cinema visitado encontra-se na Rua Augusta, próximo à Avenida Paulista. Local de encontro dos jovens desde meados do século XX, a via é uma das mais populares da cidade, ligando o centro antigo ao bairro Jardins. Durante o dia, um grande número de pedestres e veículos circula pela rua devido à grande concentração de comércio, serviços e pontos turísticos nas imediações. No período noturno a Augusta possui uma variedade de casas noturnas e bares voltados aos mais diversos públicos, tornando o local ideal para a implantação de um cinema de rua.



- 1- Espaço Itaú de Cinema
- 2- Avenida Paulista
- 3- Galeria Le Villete
- 4- Conjunto Nacional

Figura 23 - Entorno Itaú Espaço de Cinema.
FONTE: Elaborada pela autora

O atual cinema do Banco Itaú substituiu o antigo Espaço Unibanco de Cinema no mesmo local, inaugurado em 1995 e um dos mais tradicionais da cidade. Foi um dos primeiros cinemas de rua a exibir uma variedade de películas, não apenas filmes comerciais ou filmes artísticos.

O programa do projeto consiste em:

- 03 Salas operantes (200 lugares)
- 02 Salas em reforma (200 lugares)
- Livraria
- Café / Apoio
- Foyer / Área de estar
- Bilheteria / Apoio
- Bombonière
- I.S.
- Administração
- Tesouraria
- Depósito
- Armazenagem de Filmes

O espaço de entrada possui um grande Hall no qual tem-se acesso à compra do ingresso, o Foyer, logo em seguida, abriga mesas e cadeiras para os usuários do café e da livraria, além de I.S. para a área aberta ao público. A Bombonière e o café possuem espaços imediatamente atrás para que os produtos possam ser higienizados e pré-preparados.

Ao longo dos anos, o projeto sofreu ampliações para acomodar o elevado número de espectadores. Duas salas de cinema, atualmente em reforma, foram construídas do lado oposto da rua, ao lado da Galeria Le Village.



Figura 24 - Fachada Itaú Espaço de Cinema.
FONTE: da autora

As salas 01 e 03 possuem acesso no nível térreo, controlado por duas grandes portas de acesso, enquanto a sala 03 está localizada no primeiro pavimento, exigindo que o usuário utilize as escadas. Todas as salas possuem acesso à sanitários e as saídas de emergência ocorrem por um corredor lateral independente, que leva o espectador direto para a calçada.

O acesso de mercadorias, principalmente direcionadas ao café e à bombonière ocorre pela entrada principal em horários em que o prédio se encontra fechado. O lixo é acumulado em uma área de depósito até que possa ser retirado sem a presença de clientes no local.

O Foyer sofre de sobrecarga em horários de início de sessão, pois seu dimensionamento não é suficiente para dividir o espaço com as atividades abertas ao público. A falta de locais para permanência entre sessões faz com que parte dos espectadores aguarde a entrada na calçada ou na galeria em frente ao prédio.



Figura 25 - Área de entrada e bilheteria.
FONTE: da autora



Figura 26 - *Bombonière* à frente da bilheteria.
FONTE: da autora

Esteticamente, observa-se que a fachada do edifício possui dois níveis de leitura. O pavimento térreo, diretamente relacionado ao transeunte da Rua Augusta, remete à tipologia clássica dos cinemas de rua através do acesso amplo e bem demarcado. O primeiro pavimento mantém as características da antiga edificação que já existia no local.

O interior do Espaço Itaú de Cinema, iluminado por uma série de holofotes decorativos, possui uma estrutura branca de separação entre a bilheteria e o Foyer. A caracterização do local ocorre a partir de telas digitais que exibem os filmes em cartaz, substituindo os antigos pôsteres, e murais pintados nas paredes próximas às entradas das salas de exibição.

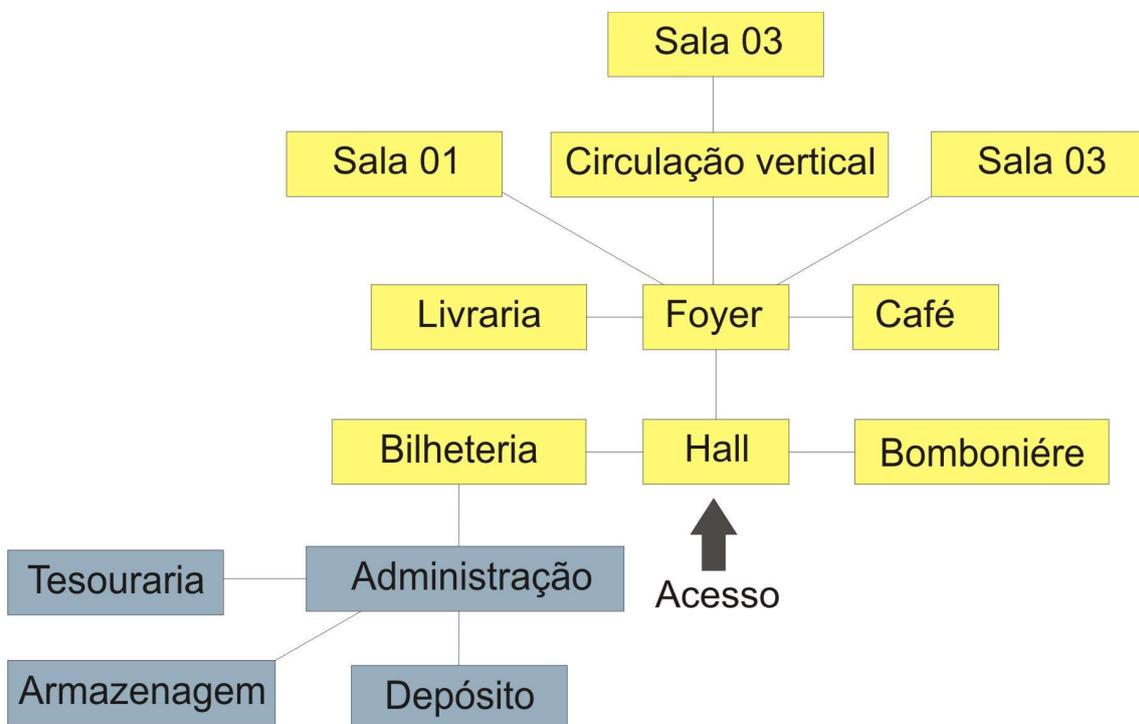


Figura 27 - Fluxograma.
FONTE: Elaborado pela autora

A estruturação do prédio visitado possui algumas questões de dimensionamento e de cruzamento de fluxos. A ausência de uma entrada e saída exclusiva de serviço, principalmente na área administrativa, causa problemas na entrega de materiais. Ainda assim, o cinema possui uma grande demanda de espaço, pois foi implantada outra unidade do Espaço Itaú de Cinema na via paralela R. Frei Caneca.

CAPÍTULO

05

5. CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO

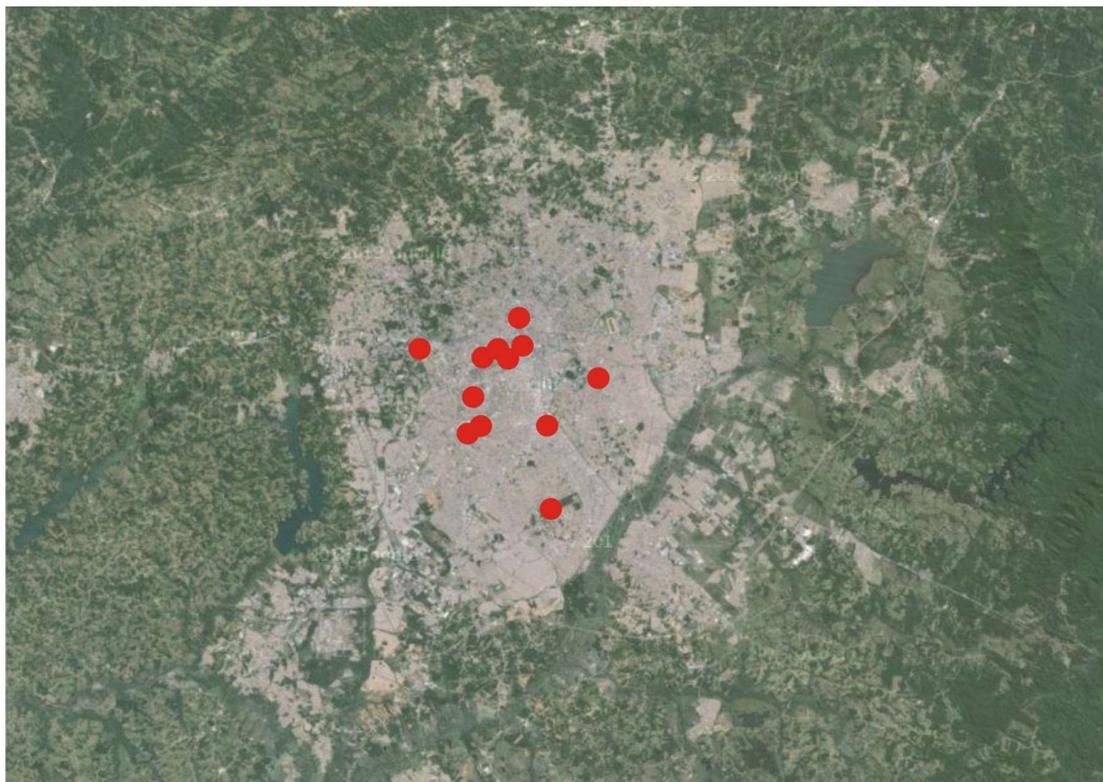
A proposta de conceber um projeto de cinema de rua para a região central de Curitiba está baseada na contextualização histórica e na leitura da realidade, expressando uma necessidade de retomar a arquitetura dos prédios de cinema fora dos grandes centros comerciais. O desejo de inserir um edifício de caráter cultural, mais especificamente de exibição, nessa região está vinculado ao intuito de retomar o conceito do espaço público da rua como local de encontro e palco de interações sociais. Seguem, portanto, aspectos técnicos, legais e contextuais imprescindíveis para o desenvolvimento do projeto.

5.1 Salas de Exibição em Curitiba

O cenário da localização e caráter das salas de cinema em Curitiba pode ser ilustrado pela FIGURA 27, que mostra no mapa da cidade onde se localizam as principais salas de cinema comerciais na cidade.

Apesar da concentração de salas de exibição na região central, observa-se a ausência de cinemas de rua, ilustrando o monopólio desses espaços de lazer pelos grandes centros comerciais. A proposta de implantação de um cinema de rua nessa área tem como objetivo trazer a população novamente às vias do centro, utilizando o espaço público como espaço de convivência, encontro e entretenimento.

A Fundação Cultural de Curitiba também oferta salas de exibição de filmes pré-selecionados temáticos como a Cinemateca de Curitiba, abrigando grande parte do acervo cinematográfico paranaense e o Cine Guarani localizado no Portão Cultural. Essas salas tem sua programação mais artística e educativa, à parte dos grandes lançamentos internacionais, o que diferencia o público dos frequentadores das grandes redes de cinema.



Cinemas:

- | | |
|-----------------------------------|------------------------------------|
| 1- Cinemark Park Shopping Barigüi | 7- Cinesystem Shopping Cidade |
| 2- Cinemark Shopping Mueller | 8- Cinesystem Shopping Curitiba |
| 3- Cineplex Batel | 9- Cinesystem Shopping Total |
| 4- Cineplus Água Verde | 10- Espaço Itaú de Cinema Curitiba |
| 5- Cineplus Jardim das Américas | 11- IMAX Palladium |
| 6- Cineplus Xaxim | 12- UCI Estação |
| | 13- UCI Palladium |

Figura 28- Distribuição dos principais cinemas comerciais em Curitiba.
 FONTE: elaborado pela Autora.

5.2 Aspectos Técnicos para Salas de Exibição

As salas de exibição possuem características básicas para possibilitar uma experiência cinematográfica satisfatória do ponto de vista tecnológico e fisiológico humano. A partir da NBR12237 “Projetos e instalações de salas de projeção cinematográfica”, segue um levantamento dos principais aspectos técnicos para projetar um espaço de cinema.

5.2.1 Dimensões da Tela

A largura (L) da tela deve ser igual ou superior à metade da distância (D) entre a tela e a face anterior do encosto da poltrona localizada na última fileira. Caso isso não seja possível, torna-se aceitável que essa largura (L) seja igual à distância mencionada anteriormente dividida por 2,9. A superfície da tela pode ser plana ou curva. Caso se opte pela curva, o raio de curvatura (R) deve ser superior a duas vezes a distância (D).

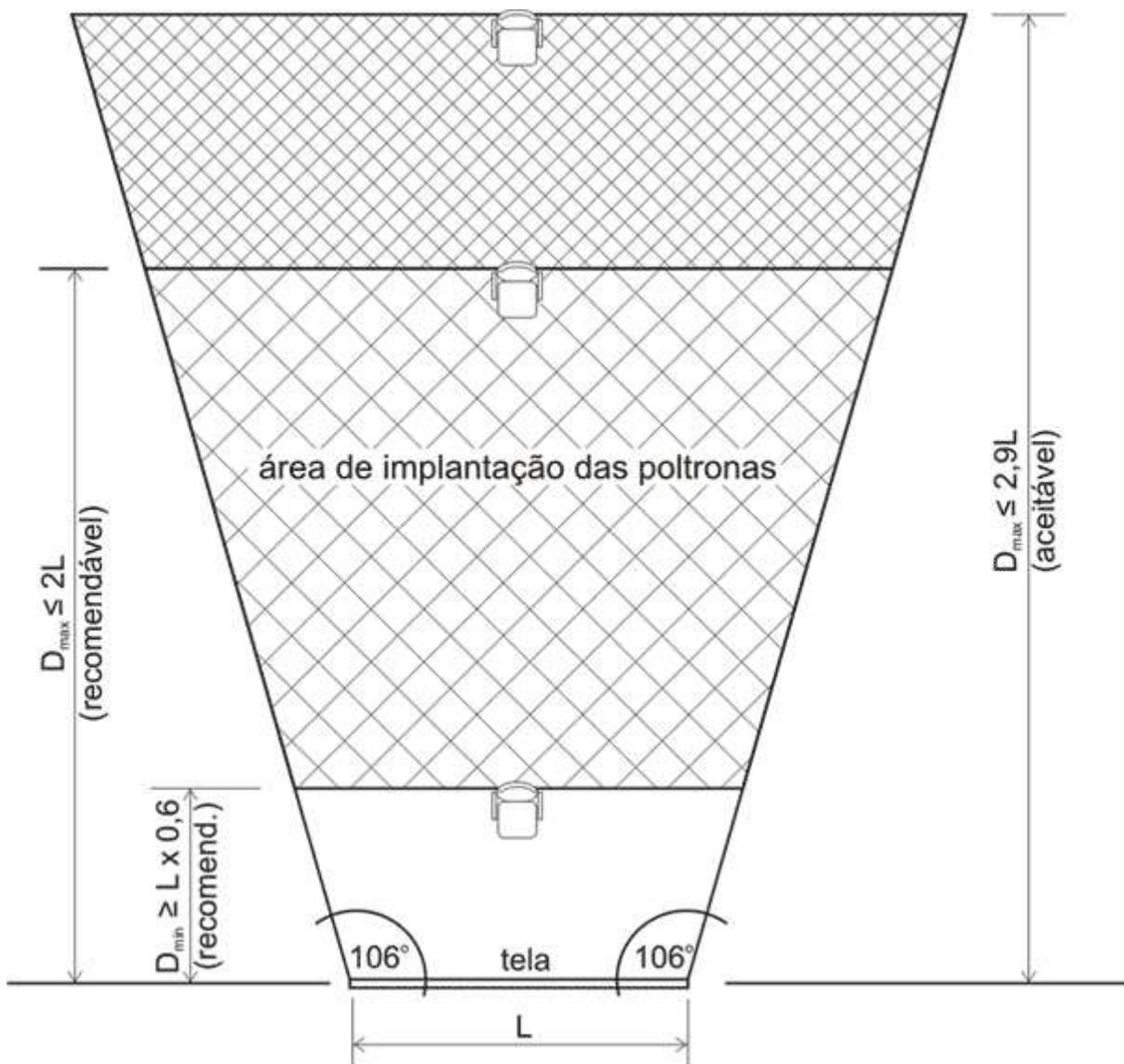


Figura 29 - Esquema de implantação das poltronas

FONTE: NBR 12237

5.2.2 Localização das Poltronas

A distância mínima entre a tela de projeção e a poltrona mais próxima a ela deve ser igual ou superior a 60% da largura (L), enquanto os ângulos máximos de visão para o mesmo espectador devem ser iguais ou inferiores a: 1) 30° em relação a um plano horizontal (α) que passe pelo centro da tela; 2) 40° em relação a um plano horizontal (β) que passe pelo limite superior da tela.

Todos os assentos devem estar compreendidos, em planta, entre dois planos verticais que passem pelas extremidades laterais da tela formando um ângulo de 106° com o plano da tela.

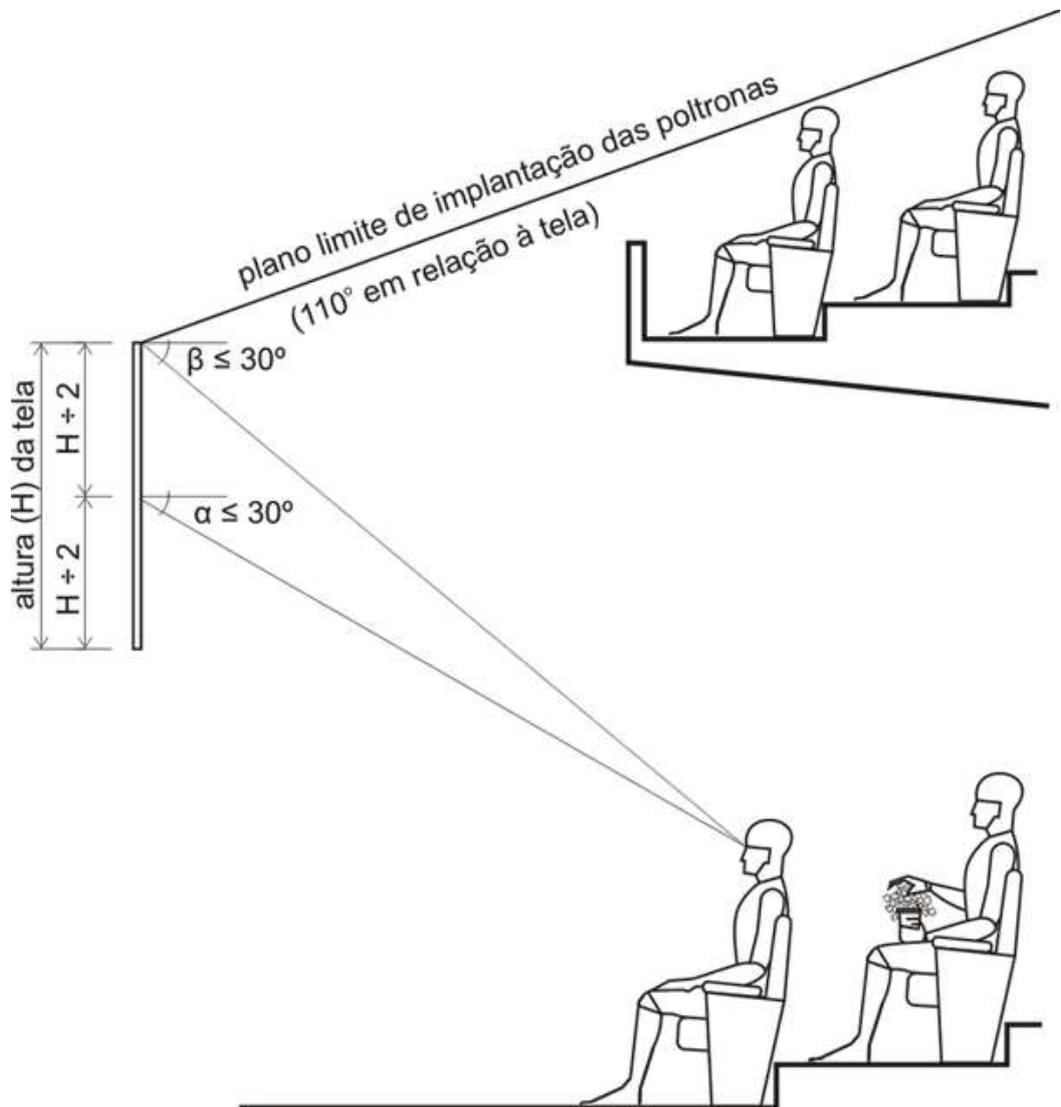


Figura 30 - Esquema de visibilidade
FONTE: NBR12237

Em relação aos lugares mais afastados da tela, a distância máxima entre o encosto do último assento e o plano de projeção deve ser igual ou inferior ao dobro da largura (L) da tela. É aceitável que essa distância seja menor ou igual a 2,9 vezes a largura (L).

A curva de visibilidade deve garantir um escalonamento visual igual ou superior a 0,15m, considerando uma altura de 1,2m entre o nível dos olhos e o piso. As poltronas devem estar deslocadas do eixo da fileira abaixo, de modo que a visão de um espectador sentado na fileira acima passe entre os dois eixos centrais das poltronas da fileira inferior. A distância entre fileiras, levando em consideração as dimensões da poltrona, deve ter no mínimo 1m.

5.2.3 Iluminação

A interferência da iluminação proveniente de outras fontes além do projetor cinematográfico deve ser evitada ao máximo, principalmente em relação à tela de projeção. Avisos luminosos, superfícies internas refletivas devem ser utilizados com restrições. É recomendado que a luminosidade refletida na tela não deve ultrapassar um limite de 0,03 cd/m².

5.2.4 Cabine de Projeção

A compreensão do posicionamento da cabine de projeção está ligada à distorção trapezoidal, que consiste na deformação em forma de trapézio da imagem projetada, resultante da inclinação do eixo do feixe de projeção em relação ao plano da tela. Essa distorção ocorre no eixo vertical (DTV) e no horizontal (DTH).

A distorção trapezoidal horizontal (DTH) da imagem projetada, provocada pela inclinação horizontal do eixo óptico de projeção em relação ao plano vertical de projeção deve ser, preferencialmente, inferior a 3%, ou um valor máximo de 5%, desde que a relação entre a distância de projeção e a altura da imagem projetada na tela seja maior do que 4.

A distorção trapezoidal vertical (DTV) da imagem projetada provocada pela inclinação vertical do eixo óptico de projeção em relação ao plano horizontal passando pelo centro da tela deve ser inferior a 3%, ou um valor máximo de 5%.

Existem instrumentos de projeção eletrônica que possuem ferramentas de correção nas distorções da imagem, ainda assim, é recomendável que a lente do projetor fique dentro de uma área determinada pelos planos verticais e horizontais que passam pelas extremidades da tela de projeção.

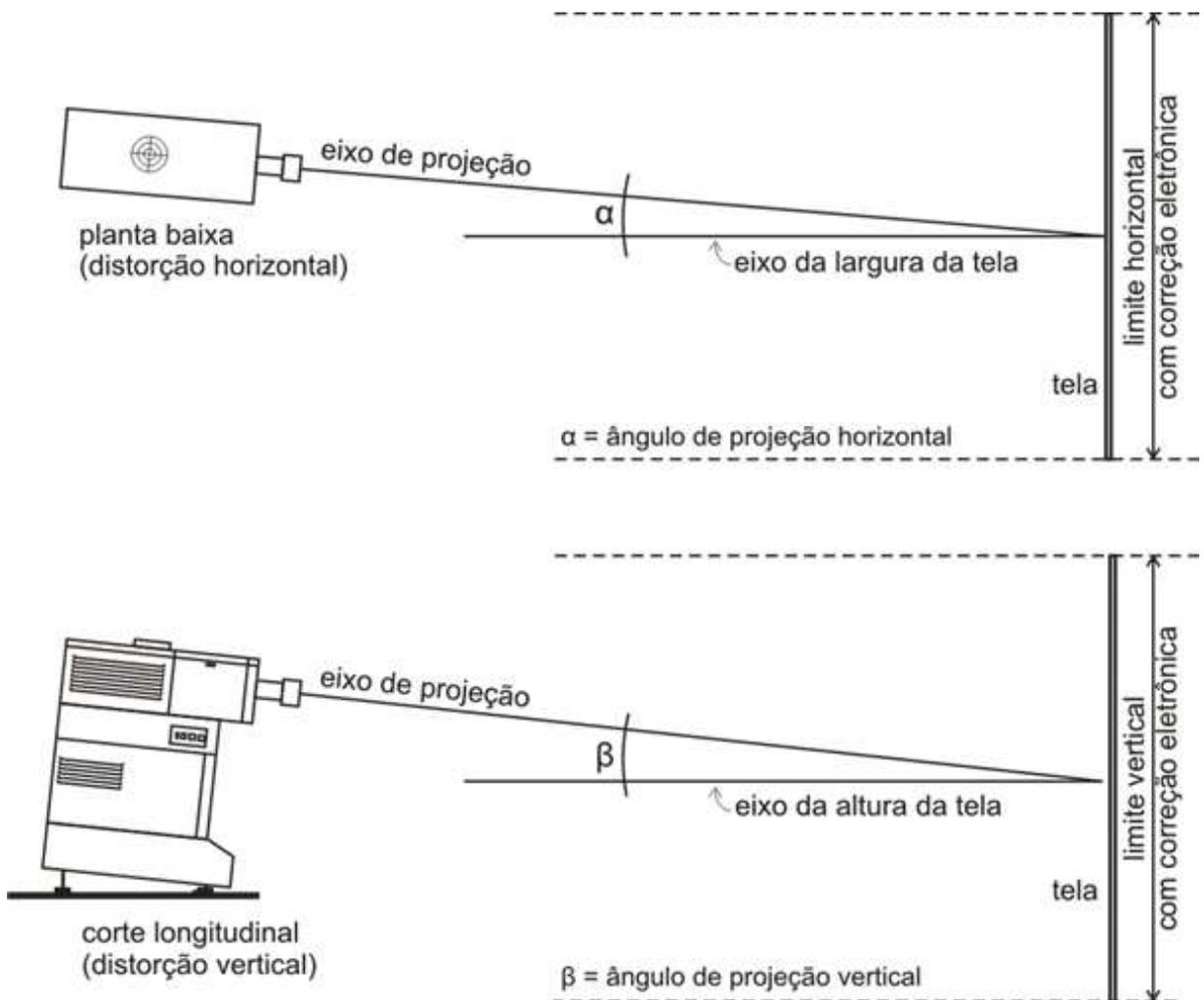


Figura 31 - Esquema de Localização da Cabine
FONTE: NBR 12237

5.2.5 Acústica

Os níveis de ruído de fundo dentro das salas de exibição com reprodução sonora digital devem ser menores ou iguais aos valores da curva NC 25. Nas salas de reprodução sonora analógica, pode-se levar em conta os valores da NC 30. Entende-se como ruído de fundo, pela NBR 10.151 (2000), a média dos níveis de ruído mínimos no local e hora considerados na ausência da fonte emissora principal.

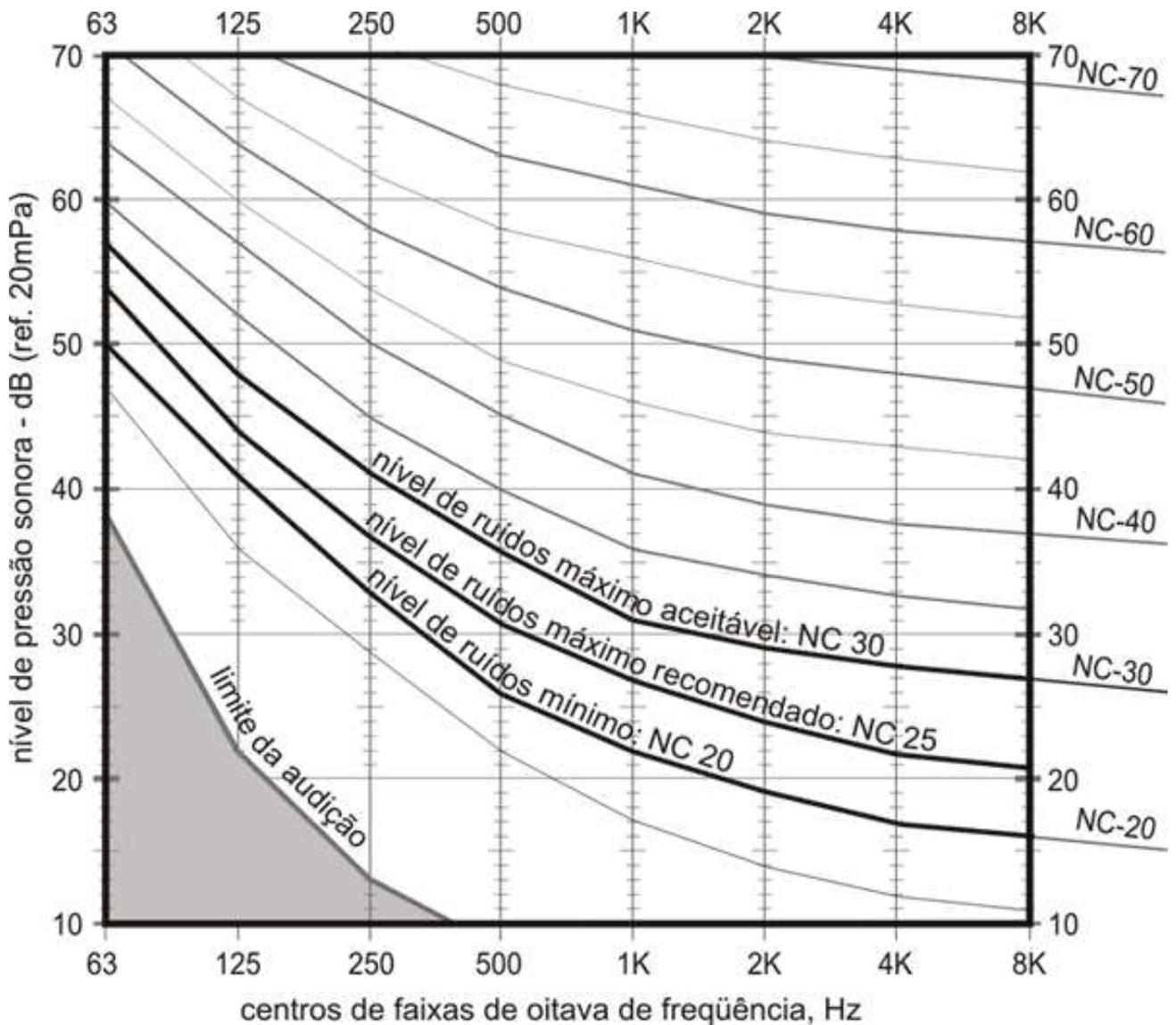


Figura 32- Curvas acústicas NC.
FONTE: NBR 12237

O tempo de reverberação na sala, na faixa de oitava com centro em 500Hz é determinado em função do volume do ambiente, de acordo com a FIGURA 32. O tempo de reverberação nas outras faixas de oitavas deve variar de acordo com os limites definidos pela FIGURA 33. O gráfico da FIGURA 33 contém fatores de multiplicação a serem aplicados ao valor recomendado para o volume da sala na faixa de 500Hz. A frequência dos 500Hz serve de referência por consistir em um valor mediano, entre o grave e o agudo. A partir dela é possível calcular o tempo de reverberação ideal para uma sala de cinema.

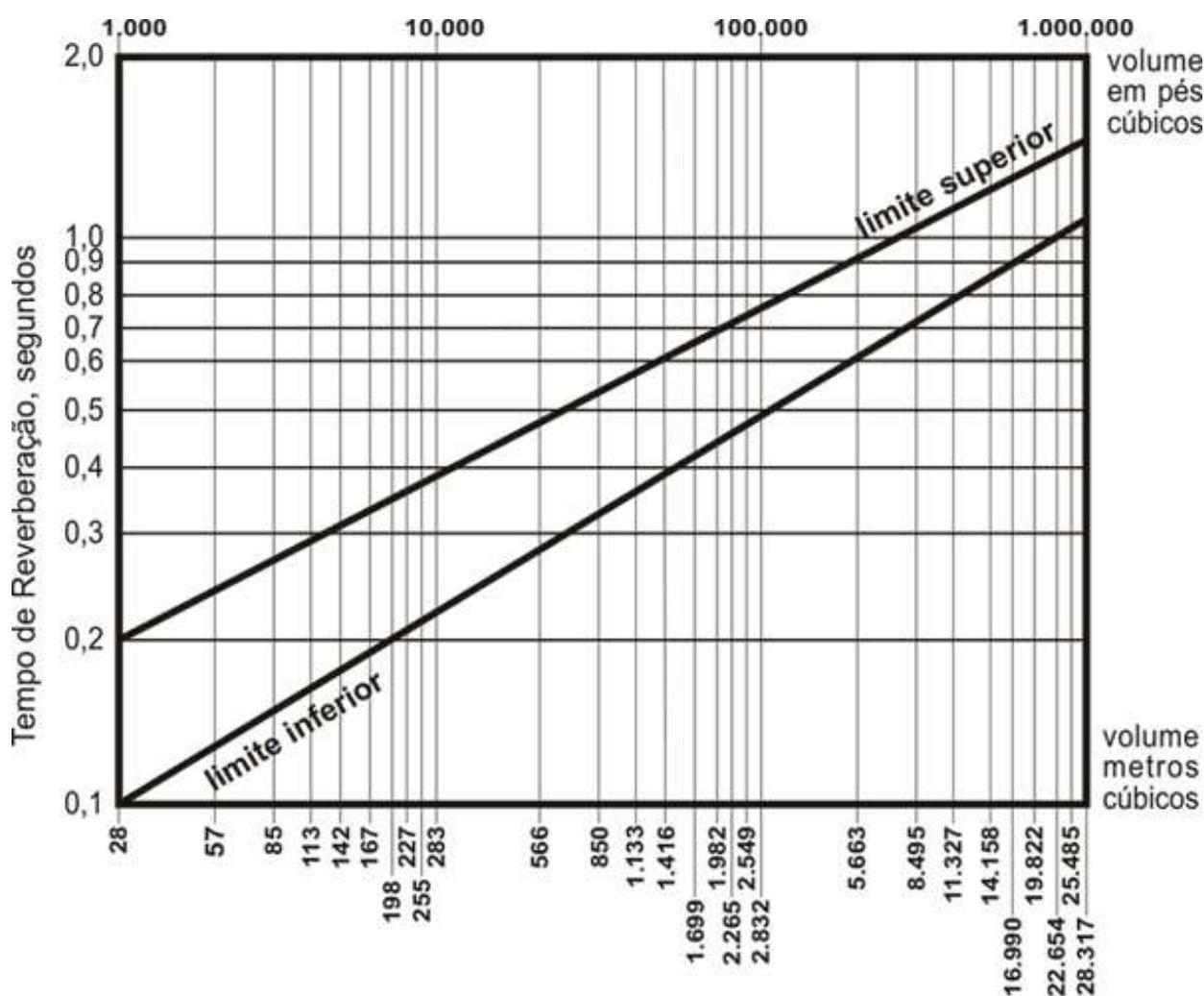


Figura 33 - Tempo de reverberação 500Hz x Volume da sala.
 FONTE: NBR12237

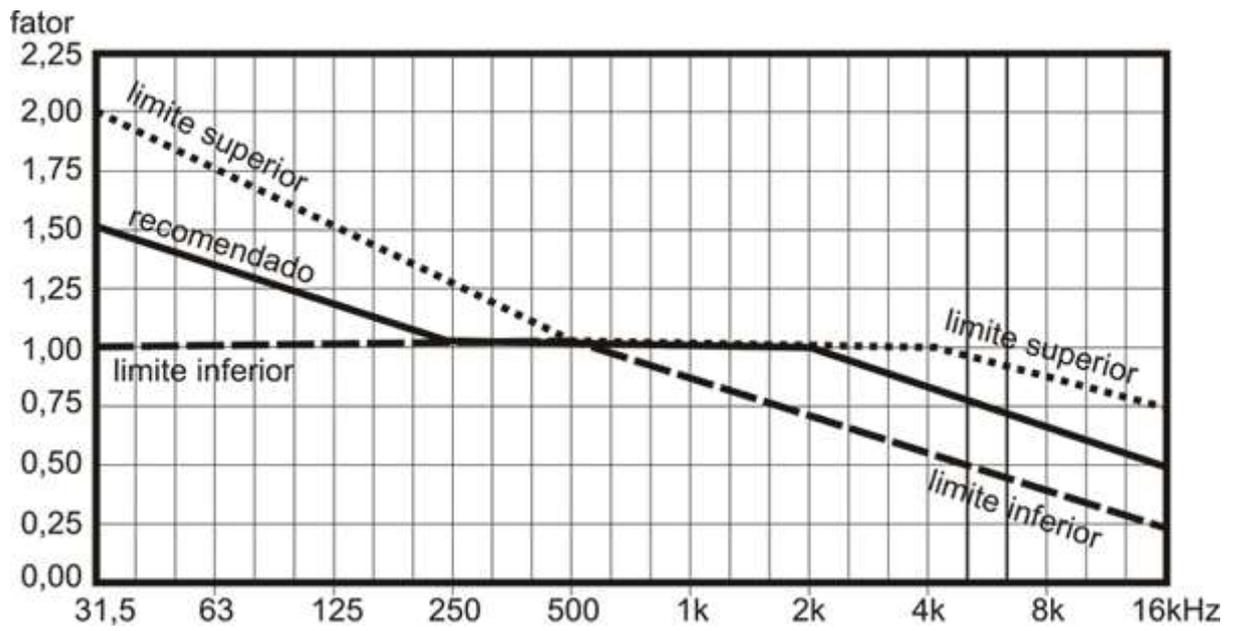


Figura 34 - Variação do tempo de reverberação de acordo com as faixas de oitavas.

FONTE: NBR12237

5.3 Inserção Urbana

O terreno selecionado está localizado na Praça General Osório, entre a Travessa Jesuíno Marcondes e a Rua Senador Alencar Guimarães, no local do antigo Cine Plaza. Após a sua desativação, o prédio anterior foi demolido e hoje o lote abriga a sede da Igreja Mundial do Poder de Deus. A instalação do projeto na antiga Cinelândia Curitibana tem como intuito impulsionar a vida noturna no centro da cidade e resgatar a memória dos antigos cinemas de rua de Curitiba.



- | | |
|-------------------------|----------------------------|
| 1- Terreno | 6- Cursinho Acesso |
| 2- Praça General Osório | 7- Cursinho Apogeu |
| 3- Praça Rui Barbosa | 8- FAE e Colégio Bom Jesus |
| 4- Praça Carlos Gomes | 9- Rua XV de Novembro |
| 5- Cursinho Creação | 10- Rua da Cidadania |

Figura 35 - Situação do terreno.
FONTE: Elaborado pela autora

O lote está inserido no zoneamento ZC – Zona Central e faz parte do entorno da Paisagem Urbana da Rua XV de Novembro, uma das mais marcantes

imagens do centro de Curitiba, que abarca a Praça General Osório e a Praça Santos Andrade. Desde o início do século XX, o eixo tombado na esfera Estadual já apresentava edificações de uso misto, consolidando seu caráter de corredor central e cultural de Curitiba.

O bairro centro reúne as mais antigas referências históricas da cidade, consistindo no núcleo principal de ocupação até as primeiras décadas do século passado. Atualmente, após o estabelecimento de novos bairros para os quais migraram as parcelas da população de alta renda, o centro possui pouca representatividade na porcentagem de moradores em relação ao número total de habitantes em Curitiba. Segundo dados do IPPUC (2010), a faixa etária predominante no bairro é a de jovens entre 16 e 29 anos, público favorável para a priorização do caráter do projeto.



Figura 36 - Praça General Osório.
FONTE: Bemparana.com.br

Durante o horário comercial há uma intensa circulação de pessoas pelo local, pois existe uma quantidade de considerável de empresas e comércios nas adjacências. O sítio possui fácil acesso via transporte público, pois grande parte das linhas de ônibus direcionadas ao centro da cidade tem pontos de embarque e desembarque nas grandes praças vizinhas, inclusive a linha Aeroporto Executivo e a Linha Turismo.

O período noturno também mantém um número razoável de pedestres na área, devido aos estudantes de cursinhos pré-vestibulares e faculdades. Esses

jovens frequentam bares e feiras de rua próximos e utilizam o transporte coletivo para retornar a casa, possibilitando que um cinema no terreno escolhido possua um bom número de espectadores regulares para frequência.



Figura 37 - Vista do lote.
FONTE: da autora.



Figura 38 - Vista frontal do lote.
FONTE: da autora.

QUADRO I
ZONA CENTRAL – ZC

PARÂMETROS DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

USOS			OCUPAÇÃO							
PERMITIDOS	TOLERADOS	PERMISSÍVEIS	PORTE (m²)	COEFIC. APROV.	TAXA OCUP. MÁX. (%)	ALTURA MÁXIMA (PAV.)	RECULO MÍN. ALIN. PREDIAL (m)	TAXA PERMEAB. MÍN. (%)	AFAST. DAS DIVISAS (m)	LOTE MÍN. (listado x Área)
- Habitação Coletiva - Habitação Institucional - Habitação Transitória 1 e 2 - Comunitário 2 – Lazer e Cultura (1) - Comunitário 2 – Culto Religioso (1) - Comércio e Serviço Vicinal, de Bairro e Setorial (1) (2)	- Habitação Unifamiliar - Comunitário 1	- Comunitário 2 e 3 - Ensino		5	Térreo e 1º pav. = 100% Demais pav. = 66%	Livre	-	(4)	Térreo e 1º pav. = Facultado Demais pav. = 2,00m	11x330
- Indústria Tipo 1 (3)			100m²	-	-	-	-	-	-	-

Observações:

- (1) Proibido estacionamento comercial e da atividade dentro do Anel Central de Tráfego Lento.
- (2) Com exceção de hipermercado.
- (3) Somente alvará de localização em edificações existentes.
- (4) Atendido o § 5º do Art. 42.

Figura 39 - Parâmetros Construtivos ZC.

FONTE: SMU

A partir da análise da guia amarela do terreno, tem-se os seguintes parâmetros relevantes:

- Zona Central – Dentro do Anel
- Coeficiente de Aproveitamento: 5
- Taxa de ocupação: Térreo e Primeiro Pavimento 100% e demais pavimentos 66%
- Uso Permitido: Comunitário 2 – Lazer e Cultura
- O lote possui uma testada de 21,57m e uma área total de 1.505,71m².
- Segundo o DECRETO 184/2000 não podem ser construídos novos estacionamentos no local, salvo em caso de habitação coletiva.

Quadro de Áreas	m ²
Área total do Terreno	1.505,71
Coef. de Aproveitamento (5)	
Área útil do Terreno	7.528,55

5.4 Programa de Necessidades

A elaboração do programa de necessidades ocorreu a partir da análise dos programas dos exemplos selecionados previamente. A diferença de porte dos edifícios e os aspectos peculiares a cada terreno e atividade, geram necessidades distintas, porém observa-se claramente a multifuncionalidade dos espaços. No caso do Busan Cinema Center, o projeto deveria abrigar além das salas de cinema, toda a sede de organização do festival de cinema local. No Etoile Lilas e no Espaço Itaú de Cinema, fica clara a indispensabilidade de outros tipos de comércio para permitir que o local entretenha o público de diferentes maneiras. O programa abaixo foi organizado visando reunir espaços e atividades que possam servir ao intuito de cinema do prédio.

PROGRAMA DE NECESSIDADES	
Administração	m²
Gerência	15
Tesouraria	10
Sala de reuniões	20
Vestiário	20
Copa	10
Depósito	50
	125
Social	m²
Hall	200
Bilheteria	35
Café	50
Livraria	50
Bomboniére	35
Foyer	600
Lounge	100
Sanitários	30
	1100
Exibição	m²
05 Salas de Exibição	1500
Armazenamento	50
D.M.L.	10
Sanitários	30
	1590
Circulação (20%)	561
Área Total	3376

O setor administrativo deve contar com as salas de gerência e tesouraria para lidar com negociações e discussões sobre o funcionamento interno e programação do cinema. Uma sala de reuniões realizará o apoio para garantir a privacidade e o espaço adequado em caso de um maior número de pessoas presentes nas conferências. O depósito e a área de funcionários também estão organizados nesse setor.

Os espaços abertos ao público e destinados à compra de bilhetes e convívio estão no setor social. O café e a livraria tem o intuito de atender inclusive o público externo e diversificar o entretenimento para os espectadores que aguardam o início de suas sessões. O *lounge* deve assegurar um maior conforto e contato entre os frequentadores do edifício, possibilitando a leitura de livros e o consumo de produtos da *bomboniére* e do café.

As salas de exibição e os ambientes de apoio a elas relacionados constituem um setor à parte do prédio. Sanitários e depósito de limpeza devem estar instalados próximos às saídas das salas e há a necessidade de um local para armazenamento e preparação de filmes digitais e de películas.

5.5 Diretrizes Gerais de Projeto

O conjunto de informações levantado ao longo do trabalho, sobre o contexto urbano, histórico e social em que está inserido o lote que pretende receber o projeto do Cinema de Rua e os projetos correlatos selecionados, fundamenta as diretrizes gerais para a elaboração da próxima etapa de projeto.

O programa desenvolvido busca atender às necessidades dos usuários, oferecendo opções de entretenimento e estar entre seções ou abertas ao público. Além dos espaços clássicos de espera, uma das propostas para o edifício é um espaço de apoio ao ar livre, em que possam ser realizados eventos, coquetéis e até mesmo exposições.

De maneira geral, pode-se enumerar alguns objetivos e características visados para o projeto:

- a) Projetar espaços flexíveis, que possam atender à diversos tipos de usos, eventos e exposições que possam vir a ocorrer no edifício;
- b) Criar uma iluminação externa e interna que possibilite a utilização do prédio em horário noturno, além de valorizar a área e trazer mais segurança aos transeuntes;
- c) Prever locais de estar e encontro para que os usuários possam socializar com outros indivíduos que estejam no prédio;
- d) Oferecer uma arquitetura de qualidade, resgatando elementos da tipologia clássica de cinemas de rua em uma leitura contemporânea.
- e) Fácil acesso às atividades do setor social, com objetivo de convidar os pedestres a ingressarem no edifício;
- f) Atender aos mais diferentes públicos, desde os jovens e adolescentes, frequentes na região, a famílias e idosos.

Esteticamente, o cinema deve possuir uma fachada marcante, revelando de imediato o tipo de atividade que está sendo exercida dentro do prédio. Elementos tecnológicos como painéis de LED e telas digitais fazem parte da linguagem desejada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O panorama histórico, analisado de forma a estabelecer diretrizes para o desenvolvimento de um Cinema de Rua, demonstra a capacidade da arte cinematográfica de influenciar e criticar os desejos e insatisfações da população, construindo um reflexo da história de uma sociedade. Na região central de Curitiba, a cultura se faz presente através da paisagem urbana, que traz resquícios de práticas sociais, culturais e artísticas dos habitantes da cidade.

Após a compreensão do tema, integrando os aspectos econômicos e sociais envolvidos na evolução da tipologia dos espaços de cinema e salas de exibição, caracteriza-se a importância da continuidade desse tipo de edifício. A integração de espaços culturais, de boa estética e funcionalidade, à malha urbana, pode incentivar práticas sociais que refletem diretamente na qualidade da cidade que se deseja produzir.

O projeto embasado por esta pesquisa visa retomar uma tipologia, que está se tornando escassa nas cidades brasileiras, através de uma linguagem atual, produzindo uma arquitetura de qualidade que valorize o entorno e promova uma maior apropriação dos espaços públicos e das ruas.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVETTI, C. **Cinema do Paraná: Elementos para uma História**. In: 3º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Novo Hamburgo: GT de História da Mídia Audiovisual, 2005.

ARGAN, G.C. Sobre a tipologia na arquitetura. In: NESBITT, K. **Uma nova agenda para arquitetura**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

BERNADET, J. C. **Cinema Brasileiro: propostas para uma história**. 2. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 1979.

BERNADET, J. C. **O que é cinema?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

CÂNEPA, L. L. Cinema Novo Alemão. In: MASCARELLO, F. **História do Cinema Mundial**. Campinas: Papyrus Editora, 2006.

CASTELNOU, A. **Arquitetura Art Déco em Londrina**. Londrina: A. Castelnuo, 2002.

COSTA, F. C. Primeiro Cinema. In: MASCARELLO, F. **História do Cinema Mundial**. Campinas: Papyrus Editora, 2006.

CRISTO, L.; MIYAKAWA, N. **24 quadros: uma viagem pela Cinelândia curitibana**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2010.

FELINTO, E. Cinema e Tecnologias Digitais. In: MASCARELLO, F. **História do Cinema Mundial**. Campinas: Papyrus Editora, 2006.

IMAGUIRE, K. Cinemas. In: **Buracos Negros na História da Arquitetura no Paraná**. Disponível em:
<<http://keyimaguirejunior.wordpress.com/2013/05/02/buracos-negros-na-historia-da-arquitetura-no-parana-6/>> Acesso em 29/05/2013.

MANEVY, A. Nouvelle Vague. In: MASCARELLO, F. **História do Cinema Mundial**. Campinas: Papyrus Editora, 2006.

MASCARELLO, F. **História do Cinema Mundial**. Campinas: Papyrus Editora, 2006.

MENOTTI, G. **ARQUITETURA DA ESPECTAÇÃO - A construção histórica da Situação Cinema nos espaços de exibição cinematográfica.** Rio de Janeiro Universidade Federal Fluminense, 2007. Artigo Científico.

MUNARIM, U. **Arquitetura dos cinemas:** um estudo da modernidade em Santa Catarina. 385 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

NAGIB, L. **O Cinema da Retomada: Depoimentos de 90 cineastas dos anos 90.** São Paulo: Editora 34, 2002.

ROLNIK, R. **O lazer humaniza o espaço urbano.** In: SESC SP. (Org.) Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000.

RUPP, I. Cine Luz e Cine Ritz saem do papel. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 26. Mar. 2011. Caderno G. Disponível em:
<<http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=1140805&tit=Cine-Luz-e-Ritz-saem-do-papel>>. Acesso em 12/05/2013.

STECZ, S. S. **Cinema Paranaense 1900-1930.** 191 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1988.

STRECKER, H. **Cinema - Emoções em Movimento.** São Paulo: Melhoramentos, 2007.

8. WEBGRAFIA

Fundação Cultural de Curitiba. Disponível em:

<<http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br> > Acesso em Maio 2013

Hardel & Le Bihan Architectes. Disponível em:

<<http://www.hardel-lebihan.fr/> >. Acesso em Junho 2013

Coop Himmelb(l)au : Wolf D. Prix & Partner. Disponível em:

< <http://www.coop-himmelblau.at>>. Acesso em Junho 2013

Itaú Espaço de Cinema. Disponível em:

<itaucinemas.com.br>. Acesso em Junho 2013

Prefeitura Municipal de Curitiba. Disponível em:

<www.curitiba.pr.gov.br>. Acesso em Junho 2013